

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Fernando José Ivo da Silva

POESIA EM TEMPOS DE TWITTER: UMA LEITURA A PARTIR DA
PRODUÇÃO DE FABRÍCIO CARPINEJAR

Recife, 2015

Fernando José Ivo da Silva

**POESIA EM TEMPOS DE TWITTER: UMA LEITURA A PARTIR DA
PRODUÇÃO DE FABRÍCIO CARPINEJAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Postal

Recife, 2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

S586p Silva, Fernando José Ivo da
Poesia em tempos de twitter: uma leitura a partir da produção de
Fabrício Carpinejar / Fernando José Ivo da Silva. – Recife: O Autor, 2015.
77 f.

Orientador: Ricardo Postal.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2015.
Inclui referências.

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Carpinejar, Fabrício - Crítica e
interpretação. 4. Sites da Web. 5. Redes de relações sociais. I. Postal,
Ricardo (Orientador). II.Título.

809 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2015-82)

FERNANDO JOSÉ IVO DA SILVA

**Poesia em Tempos de Twitter: Uma Leitura a Partir da Produção de
Fabrício Carpinejar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Teoria da Literatura, em 6/2/2015.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ricardo Postal
Orientador – LETRAS – UFPE

Prof. Dr. Anco Márcio Tenório Vieira
LETRAS – UFPE

Prof. Dr. Fabio Cavalcante de Andrade
LETRAS – UFPE

Recife – PE
2015

Esta dissertação é dedicada aos meus pais e meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

A Ricardo Postal, pela crença neste projeto e o trabalho sério, dedicado e pleno de paciência na orientação, sem o qual a conclusão não seria possível.

Aos professores Anco Márcio, Roland Walter, Lucila Nogueira, Maria do Carmo Nino, Benedito Bezerra e Ricardo Postal pelos conhecimentos compartilhados durante as aulas das disciplinas do Mestrado, as quais tiveram o dom de aumentar em mim a paixão pela Literatura.

À professora Evandra Grigoletto, pela orientação precisa e o acolhimento carinhoso e dedicado ao recém-chegado mestrando, muito bem cumprindo a função de Coordenadora do PPGL-UFPE.

Aos colegas do mestrado e do doutorado, com os quais percorremos essa jornada acadêmica, compartilhando conhecimentos, amizade e alegria.

A Jozaías, pela disponibilidade em colaborar para a solução das pendências administrativas e orientar-nos quanto aos passos a serem tomados.

Ao amigo Mestre Renan Freitas, pela disponibilidade em ajudar sempre e pelo apoio nas horas difíceis.

Ao amigo Mestre André Bento, por ter “pego em meu braço” para que eu realizasse a seleção para o Mestrado, bem como pela “vigilância” constante ao longo do curso. Sem tal colaboração, não haveria esta dissertação.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a utilização da ferramenta “twitter” do ambiente virtual, típica das tecnologias da informação e da comunicação, característicos da sociedade contemporânea, na produção e divulgação de textos literários, em especial o texto poético. A partir do estudo da obra de Fabrício Carpinejar, poeta, cotejando sua produção virtual do twitter e as publicações em livro, o trabalho abordará os seguintes aspectos: existência ou não de uma produção poética típica do ambiente virtual “twitter”; em se confirmando a existência dessa produção típica no ambiente virtual, reconhecer a estrutura característica e comum dessa produção poética; avaliar a pertinência ou não de se utilizar o termo “twitteratura”. Ao final da pesquisa, pretende-se verificar a existência ou não de uma poesia típica do twitter, o que corroboraria a própria dinâmica da evolução literária ao longo do tempo, em consonância com a sociedade.

Palavras-chave: poesia, “twitter”, literatura, twitteratura.

ABSTRACT

This study aims to investigate the usage of "twitter" the virtual environment, typical to information and communication technologies, contemporary characteristic society, the production and dissemination of literary texts, especially poetic text. According to the study of Fabrizio Carpinejar, poet, comparing their virtual twitter production and publications in book, the research will address the following aspects: whether or not a typical poetic production of virtual environment "twitter"; in confirming the existence of such typical production in the virtual environment, recognize the characteristic and common structure of this poetic production; assess the relevance or not to use the term "twitterture". At the end of the survey, intends to verify the existence or not of a typical twitter poetry, which corroborates to the dynamics of literary evolution over time, in line with society.

Keywords: poetry, "twitter", literature, twitterture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A LITERATURA, O COMPUTADOR E A INTERNET	11
2.1	Um pouco de contemporaneidade	11
2.2	Poesia Digital	12
2.3	Twitteratura	18
3	FABRÍCIO CARPINEJAR – POETA	24
4	FABRÍCIO CARPINEJAR – PRODUÇÃO NO TWITTER	38
4.1	Análise geral – 280 tweets	39
4.2	Início da produção no Twitter: 2009	48
4.3	Produção atual no Twitter: 2014	51
5	Poesia no Twitter x Poesia em livro	55
6	CONCLUSÃO	59
	REFERÊNCIAS	63
	ANEXO A	65
	ANEXO B	72

INTRODUÇÃO

“AMOR
HUMOR”

(Oswald de Andrade)

“O amor cuida levando sustos”
(Fabrício Carpinejar)

Algumas décadas separam os autores dos textos em epígrafe, sendo as semelhanças entre eles a brevidade de boa parte de seus textos e o fato de serem suas produções de início de século, marcadas por uma intensa transformação social provocada por inúmeras inovações tecnológicas. Oswald de Andrade, paulista, um dos grandes nomes do Modernismo brasileiro, irreverente e debochado, popularizou, no Brasil, os famosos poema-pilula e poema-piada, típicos da revolução modernista do início do século XX. Fabrício Carpinejar, gaúcho, faz parte da atual safra de poetas deste início de século XXI, bastante premiado e notabilizado, também, por produzir uma poesia breve, instantânea, com direito à produção específica na plataforma Twitter da Internet, ambiente que permite apenas a produção de texto com o máximo de 140 caracteres. O que os separa? De maneira simplória, poderíamos dizer que é a existência do computador e da Internet como ferramentas. Se aprofundarmos um pouco mais a questão, veremos que ambos os poetas separam-se mais por questões que envolvem seu contexto histórico e cultural. Oswald de Andrade, membro da elite paulistana do início do século XX, fez parte de um processo de renovação em nossas artes que envolveu o início do movimento modernista, além de toda uma influência dos movimentos da Vanguarda Européia. Era a chamada “Belle Époque” e a discussão acerca do fazer artístico fervilhava entre nossa intelectualidade. Fabrício Carpinejar, poeta deste nosso início de Séc. XXI, gaúcho, vive em um mundo marcado fortemente pelo avanço das tecnologias de comunicação, das comunidades virtuais, da comunicação instantânea, pelas novas formas de relacionamento pessoal e, por óbvio, pelas novas práticas culturais e artísticas. Somando-se tais diferenças, chegamos, então ao seguinte questionamento: estaríamos hoje diante um novo tipo de literatura, e dentro dela, de poesia, marcada por aspectos específicos da tecnologia ou apenas diante de uma

mudança de suporte para a produção textual? A questão é difícil e intrincada, logo não temos a intenção de encerrar a discussão propondo uma resposta acabada, mas tão somente fazer uma breve exposição sobre as reflexões atuais que envolvem o assunto.

A LITERATURA, O COMPUTADOR E A INTERNET

- UM POUCO DE CONTEMPORANEIDADE

Costuma-se dizer que o mundo contemporâneo é marcado pelas tecnologias de informação e comunicação, ou seja, pelo computador e pela internet, e que a produção em todas as áreas do conhecimento humano está marcada pela relação com o virtual. Mais adiante veremos estas marcas especificamente na literatura. Antes de entrar especificamente na discussão sobre o que se tem atualmente acerca de literatura na rede de computadores, vejamos algumas considerações sobre o mundo contemporâneo, onde estamos inseridos.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.(AGAMBEN, 2009, p. 59)

Como vemos, para o filósofo Giorgio Agamben, ser contemporâneo é, ao mesmo tempo, viver em sua época, partir dela, mas ao mesmo tempo manter com relação a ela certa equidistância. Falar de nosso momento atual, de nosso mundo de computadores e tecnologia pressupõe também olhá-los à distância para tentarmos entender suas implicações. O uso das tecnologias de comunicação instantânea, as redes sociais, tem, a nosso ver, promovido um quadro paradoxal. Por um lado, aproximam as pessoas como nunca antes na história da humanidade, já que praticamente todos os recantos do globo podem se comunicar de maneira instantânea com as novas tecnologias de informação e comunicação, promovendo uma derrubada de fronteiras e distâncias. Por outro lado, há que se notar que tais tecnologias, em especial em tablets e celulares, acabam por distanciar as pessoas, visto que acabam por “prendê-las” nas telas dos dispositivos, substituindo o contato pessoal, olhos nos olhos. É muito comum presenciarmos hoje em dia pessoas em restaurantes ou quaisquer outros lugares de encontro social dividindo o espaço, mas todos digitando em seus dispositivos. Talvez este seja o maior paradoxo de nosso mundo contemporâneo. Seguindo, ainda, com AGAMBEN, façamos a ligação entre este nosso mundo contemporâneo e o fazer literário.

O poeta – o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo. Mas o que vê quem vê o seu tempo, o sorriso demente de seu século? Neste ponto, gostaria de lhes propor uma segunda definição da contemporaneidade: contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 62)

Fazer Literatura na contemporaneidade (lembrando que o conceito de contemporâneo parte do “ser da mesma época”, logo pode ser utilizado em qualquer tempo.) é, como nos leva a refletir AGAMBEN, estando em um determinado tempo, em uma determinada época, e por este mesmo motivo não tendo uma visão clara do que se está vivendo, tatear no escuro e procurar, através do literário, do poético, lançar luz sobre a escuridão ou revelá-la, a escuridão, em si mesma. Diante da “fauna” tecnológica atual e da velocidade de comunicação de nosso mundo contemporâneo, como se sente e como se movimenta o poeta? De que forma o poeta tateia na escuridão das intensas luzes das telas de computadores e similares? Um pouco das respostas para esses questionamentos tentaremos dar em nosso trabalho, cientes que estamos da impossibilidade de respondermos a tudo que nossa contemporaneidade coloca diante de nós.

- POESIA DIGITAL

A primeira questão a se destacar diz respeito ao surgimento do computador e dos meios eletrônicos em geral. Literatura, em especial poesia, tem vasta tradição na oralidade, desde as narrativas tipicamente orais de Homero, passando pela tradição trovadoresca medieval até os modernos trovadores e repentistas. A partir da invenção da imprensa, no entanto, a escrita desenvolveu-se com bastante vigor. Desde as inscrições nas pedras, passando pelo papiro, a poesia encontrou no livro um forte meio de divulgação. Com o advento da informática, na segunda metade do século XX, e a consequente criação de editores de textos, a escrita e todos aqueles que com ela trabalham ou se divertem encontraram uma nova maneira de se relacionar: a tela do computador. Em “A Cultura da Interface”, Steven Johnsons faz um relato esclarecedor

sobre o choque que ele próprio experimenta nos primeiros contatos com a escrita no meio digital:

Eu tinha 12 anos quando meus pais se animaram a comprar o primeiro computador para nossa casa... (...) Não é a vida sem computadores que me deixa perplexo; é a vida durante o estranho interregno depois da aparição do computador em nossa casa. Vivi a nove metros de uma máquina em perfeitas condições de funcionamento dos meus 12 aos meus 18 anos, e a triste verdade é que, durante esses seis anos, eu o usei quase que exclusivamente como um expediente de apresentação, como uma visita a uma gráfica ao final de um trabalho alentado para a escola. (JOHNSONS, 2012, p. 102)

É natural que tenhamos uma resistência inicial à produção que fuja ao suporte do papel, pois tudo o que conhecemos como, digamos, cultura literária, está intrinsecamente ligado ao papel e ao seu manuseio. Há relatos até, dos que resistem a outro suporte para a escrita, de sentir o cheiro do livro e ter com ele uma relação tátil de prazer, o que não se conseguiria com o computador e demais suportes tecnológicos. Isso ocorre porque o contato com o texto através do computador vem abalar uma larga tradição relacionada com o impresso, seja com jornais e revistas, seja com o livro, tradição essa que remonta a Gutenberg e incrustou-se fortemente ao longo dos séculos. A esse respeito, em livro que discute aspectos da escrita ao longo da História, nos diz CHARTIER:

Somos herdeiros dessa história tanto para a definição do livro, isto é, ao mesmo tempo um objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor, como para a percepção da cultura escrita e impressa que se baseia em diferenças imediatamente visíveis entre os objetos (cartas, documentos, diários, livros etc.) É essa ordem dos discursos que se transforma profundamente com a textualidade eletrônica. É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade. Surge disso uma primeira inquietação ou confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais, que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos. (CHARTIER, 2002, p. 22)

Não é fácil, portanto, fazer essa transição do impresso para o digital, tanto do ponto de vista do leitor quanto do próprio escritor. Gerações e mais gerações forçadas na

cultura do papel, do impresso, chegam a um limiar, a uma transição difícil de ser executada, em especial para a geração que se vê no “olho do furacão”, no exato momento em que digital e impresso se digladiam. A geração que nasceu já sob o signo do digital navega sem constrangimento no mundo dos bits, sendo os variados dispositivos digitais quase que extensões de sua psique e de seu corpo. A geração anterior luta para se adequar a esse novo ambiente e, óbvio, olha com certa nostalgia o mundo que vê definhar ou modificar-se diante dos olhos.

Partindo dessa mudança da produção escrita de textos em âmbito geral e sem entrarmos no mérito de tais preferências, nos vemos diante da especificidade do texto literário, inserido no bojo dessa enorme revolução. Para principiar uma discussão sobre ele, poderíamos perguntar: o que define o texto como Literatura? Parece-nos que tal definição tem sua gênese muito mais no conteúdo e estrutura do idioma, das palavras, do que no suporte em que elas se encontram. Nesse ponto, estamos de acordo com Eagleton (1983) ao dizer que os formalistas consideravam a linguagem literária como um conjunto de desvios da norma, espécie de violência linguística, sendo a literatura uma forma ‘especial’ de linguagem, em contraste com a linguagem ‘comum’, usada habitualmente.

É claro que a noção de linguagem comum, principalmente após as inovações modernistas, não dá conta do “oposto” à linguagem literária, a não ser que entendamos o “comum” como ausente do jogo e da construção estilística do trabalho artístico. Ao nos depararmos com o maravilhoso, e ainda por demais misterioso para a grande maioria, mundo dos computadores e da internet, temos uma natural estranheza diante de suas potencialidade e, principalmente, diante de tudo que muda, que altera as práticas cotidianas, seja nas comunicações, na economia, no jornalismo etc. Quando discutimos, então, produção artística e, dentro dela, a literária, a milenar cultura do papel em oposição à tela de um computador nos coloca diante do mesmo impasse vivido por JOHNSONS em seu relato. Resistimos, inicialmente, à leitura na máquina e a resistência é maior ainda quanto à produção direta no computador, sem o uso do lápis ou da caneta. Mais forte vem, então, o dilema da essência da Literatura: seria a produção virtual, não mediada pelo papel, Arte, Literatura? A nosso ver, tal produção é Literatura sim e sua essência como tal permanece independentemente do suporte em que ela seja produzida. Diversos escritores contemporâneos já produzem diretamente no meio eletrônico, o que mostra ser o uso do novo suporte apenas um avanço tecnológico

natural e inevitável, embora esses mesmos escritores admitam não ter sido fácil essa passagem para a produção em meio eletrônico.

Em comunicado realizado no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação¹, um dos maiores especialistas no assunto, Professor Jorge Luiz Antônio, já aborda a existência de uma poesia típica do meio eletrônico:

Este comunicado tem o objetivo de apresentar alguns elementos constitutivos de uma atividade poética que vem sendo explorada nos meios eletrônico-digitais (computador, rede, internet, disquete, cd-rom). Trata-se de um percurso da poesia através dos tempos e dos meios de expressão, por meio de um elenco de quatorze poesias digitais, de diversos países, que permite observar o uso da palavra como evocadora de imagens (literárias e mentais), sua espacialização em meio impresso ou não, a incorporação desses recursos no meio eletrônico-digital (vídeo, holograma, cd-rom, disquete, computador, internet), o que pode ser resumido como o uso poético da palavra que se adequa às mais diferentes técnicas e tecnologias como forma de comunicação poética. (ANTONIO, 2001)

Como podemos perceber, já naquele ano, Antonio nos mostra a diversidade existente na produção literária, em especial a poética, nos meios digitais. O advento do computador e da internet abriu várias frentes de produção artística como é mostrado ao longo do texto, com vários teóricos se debruçando sobre o assunto.

Uma antologia organizada por Eduardo Kac reúne oito artistas e teóricos que propõem uma nova poesia das mídias: as simultaneidades de Jim Rosenberg, as leituras singulares de Philippe Bootz, a videopoesia de E. M. de Melo e Castro, o texto multimídia de André Vallias, a poesia virtual de Ladislao Pablo Györi, os cibertextos de John Cayley, a holopoesia e poesia digital de Eduardo Kac e a análise crítica de Eric Vos. (ANTONIO 2001)

A evolução, no entanto, não para e muitas novidades, no campo da tecnologia, surgiram desde o comunicado feito em 2001. Depois de muitas outras leituras e estudos, Antônio publica, já em 2010, *POESIA DIGITAL: teoria, história, antologias*², onde condensa uma longa pesquisa em conjunto com universidades e pesquisadores de outros países. É de se notar que o conceito de POESIA DIGITAL é evolução do termo POESIA ELETRÔNICA, o que nos mostra a extrema velocidade com que os conceitos mudam nesse campo de estudo. O livro em questão acompanha um DVD que

¹ Campo Grande/MS, setembro de 2001.

² ANTÔNIO, Jorge Luiz. São Paulo: Navegar Editora, 2010

complementa o conteúdo impresso, o que, por si só representa uma grande inovação, obrigatória, no entanto, já que alguns textos da antologia só podem ser visualizados no ambiente do computador.

Já no início do livro, temos a intrincada rede de informações para se chegar a ele e a grande quantidade de questionamentos a serem trabalhados:

Inúmeros questionamentos, uma quantidade significativa de informações dos mais variados países, diferentes línguas e significados, ensaios teóricos, exemplos de criação, muitas direções, tecnologias computacionais, um labirinto de signos – esse foi o desafio que enfrentamos desde o final de 1999 e que resultou em *Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais* (2005, 2008) e que, agora, passa a ser *Poesia digital: negociações com os processos digitais: teoria, história antologias*. Quais aspectos dessa poesia dos meios digitais que deveríamos abordar? Que ideia central nos permitiria enfeixar as produções poéticas e teóricas que coletamos desde a segunda metade do século XX? Que denominação geral deveríamos adotar para esse tipo de produção poética? O que diferencia esse tipo de poesia das outras poesias existentes?(ANTONIO, 2010, p. 18)

Há um campo vastíssimo de investigação já trabalhado e ainda a ser abordado e a velocidade no processo evolutivo das tecnologias da informação só aumenta as possibilidades. Os trabalhos teóricos ainda são insuficientes para dar conta de toda a produção e inovação nos meios eletrônicos. Quanto à produção da Literatura em tais meios, parece-nos um campo bem nebuloso a ser explorado. Quanto a isso, em um último olhar, ainda, sobre a motivação e a necessidade dos estudos acerca do assunto, nos esclarece ANTONIO:

Muitos profissionais da ciência e da tecnologia, mas com vocação para a poesia, puderam definir novos rumos para esse fazer poético, da mesma forma que alguns poetas fizeram um esforço para assimilar as novas tecnologias porque viram nelas formas mais eficazes de comunicação. (ANTONIO, 2010, p. 19)

Em sua época de atuação, escritores como Oswald de Andrade dispunham apenas do jornal, da revista e do livro, todos impressos em papel, para divulgar suas ideias sobre arte e literatura ou para publicar seus poemas, seus experimentos poéticos. Hoje, o acesso ao leitor, naturalmente, democratizou-se, estreitando a distância entre os escritores e seu público. Neste início de século XXI, poetas como Carpinejar dispõem de um arsenal bem maior para ter contato com seus leitores. E por que não usá-lo?

Não queria entrar no Twitter. Foi mais um cano em minha vida. Não me interessava descobrir o que as pessoas estavam fazendo, costumava justificar que intimidade é descobrir o que não estão fazendo. Mas minha namorada e um amigo criaram minha página e começaram a postar. Tive medo de ser mais inteligente como sócia do que como original. Assumi o domínio por fraqueza e tratei de ampliar a minha vulnerabilidade. Percebi que 140 caracteres são o suficiente para sangrar. É do tamanho de uma gilete. (CARPINEJAR, 2009, p. 08)

No “depoimento” de Carpinejar, temos o indício de uma espécie de “nova era” para a produção literária, com o aparecimento de um novo campo, praticamente um novo mundo repleto de possibilidades. Se está aí o computador, com todos os seus recursos para a produção textual, por que não usá-lo? Se está aí a internet, com suas páginas pessoais, blogs, facebook, twitter etc, por que não usá-los? Um novo chamado: “Livros, Livros à mão cheia”, como proclamado por Castro Alves, está agora direcionado aos escritores? Quem sabe?

Talvez sem o mesmo bom humor de Carpinejar com o seu “Tive medo de ser mais inteligente como sócia do que como original.”, poetas e escritores em geral descobrem que podem e devem ter o contato com seu público por todos os meios disponíveis, o que, convenhamos, enriquece a produção e contribui para que se divulgue mais a literatura. Além disso, mais pessoas têm coragem para, por assim dizer, brincar de ser escritores em blogs e redes sociais as mais diversas.

Como pista para as nossas reflexões seguintes, vale uma das breves conclusões, ainda em ANTONIO:

Há um elemento essencial em comum entre essa poesia e os tipos anteriores (poesia oral, manuscrita, impressa, tridimensional, performática, por exemplo): é a palavra, signo plurissignificativo e transgressor que lhe dá a motivação predominante, mas há determinados traços que a diferenciam das demais, especialmente quanto ao suporte e as relações que tem com eles. (ANTONIO, 2010, p. 19)

Literatura, arte da... PALAVRA. Esse deve ser o ponto de partida de nossas reflexões. Tanto no papiro, quanto no papel e no meio eletrônico, o que está em destaque e o que é estritamente necessário para a existência da poesia, seja ela digital ou não, é a palavra, é dela que se serve o escritor, o poeta. Há, no entanto, que se destacar o processo de adaptação da palavra aos meios ou suportes em que ela se insere, incluindo aí a produção literária.

Além disso, a escrita não é, por assim dizer, neutra. Ela constrange signos, estabelece parâmetros, abre perspectivas criativas, gera gêneros. E os poetas sabem, melhor que ninguém, que cada signo tem a sua poesia; que existe a poesia do signo falado (canto-falado ou cantado), assim como existe a poesia do signo inscrito, cada uma delas solicitando e mesmo exigindo técnicas distintas e oferecendo potencialidades também diversas: que a reiteração paralelísticas, por exemplo, é uma coisa no texto-canto e outra coisa, muito diversa, no texto impresso. (RISÉRIO, 1998, p.51)

Devemos considerar, portanto, como podemos ver em RISÉRIO, que tanto a escrita quanto sua subversão, isto é, a Literatura, buscam potencialidades e novos efeitos estilísticos a partir do meio onde são produzidas. Daí depreende-se que o “texto-canto”, ou seja, a produção oral, tem especificidades estilísticas, bem como o texto impresso já demonstra peculiaridades a ele inerentes. Sendo assim, não teria o texto digital, também, aspectos distintivos? Aqueles que trabalham com imagem e o movimento proporcionado pela computação gráfica evidentemente flertam com as artes plásticas. Em nosso trabalho, no entanto, esse não é o nosso foco. A produção poética de Carpinejar no Twitter trabalha exclusivamente com texto, como veremos, e é nesse labor que procuraremos a existência ou não de tais traços distintivos do texto poético digital.

Há muitas informações sobre a poesia no meio digital, no campo da oralidade, na inter-relação entre os suportes, tanto nos trabalhos de ANTONIO e de RISÉRIO, quanto em diversos autores, mas isso seria material para um trabalho muito mais longo e aprofundado. De posse dessas informações gerais, podemos deslocar nosso olhar mais especificamente para o ambiente do Twitter e seus 140 caracteres delimitadores. É nesse ambiente virtual que delimitaremos nossa pesquisa.

- TWITTERATURA

De um ponto de vista antropológico geral, não há nenhuma diferença fundamental entre o poeta que aciona a tecnologia do grafite, o poeta que se serve dos tipos móveis de Gutenberg e o poeta que manipula computadores. Todos recorrem ao repertório tecnológico de sua época e cultura. Nem há, evidentemente, tecnologias eleitas. Ou ‘sagradas’. Lembro isso porque, muitas vezes, o aparecimento de um novo equipamento pode provocar protestos – e não só artísticos, como ideológicos. (RISÉRIO, 1998, p. 53)

Falar em poesia no computador, e em especial na internet, naturalmente provoca reações entre os tradicionalistas. Não é fácil encarar as novidades, principalmente

quando nos acostumamos a ter vivido num mundo em que elas, as novidades, pouco aparecem. O mundo digital abriu um leque de possibilidades e numa velocidade de transformação jamais vistas na história da humanidade. A “fauna” digital perturba e atrai ao mesmo tempo. Poderíamos imaginar que se Fernando Pessoa fosse vivo, seu heterônimo Álvaro de Campos teria mudado o início de sua Ode Triunfal para “À dolorosa luz das telas dos computadores, tenho febre e escrevo.” Temos diante de nós e a nossa disposição hoje, páginas pessoais, redes sociais, blogs e todo um universo de produção que se abre aos nossos olhos.

Dentre as várias opções de comunicação e redes na Internet, o TWITTER se destaca, hoje, como um dos mais usados ambientes de interação, daí ter despertado o interesse de pesquisadores no mundo todo, tais como SANTAELLA e RECUERO. Diz-nos RECUERO:

O Twitter é um site popularmente denominado de um serviço de microblogging (Java et AL., 2007; Honeycutt & Herring, 2009). É construído enquanto microblogging porque permite que sejam escritos pequenos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta “O que você está fazendo? O Twitter é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde cada twitter pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros. Há também a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A janela particular de cada usuário contém, assim, todas as mensagens públicas emitidas por aqueles indivíduos a quem ele segue. Mensagens direcionadas também são possíveis, a partir do uso da “@” antes do nome do destinatário. Cada página particular pode ser personalizada pelo twitter através da construção de um pequeno perfil. A ideia do Twitter nasceu com Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams em 2006, como um projeto da empresa Odeo. Uma das características mais importantes do sistema é que permite que sua API seja utilizada para a construção de ferramentas que utilizem o Twitter. (RECUERO, 2011, p. 56)

Responder à pergunta “O que você está fazendo?” move o processo de produção de informações no Twitter e, ao mesmo tempo, atende à necessidade das pessoas no mundo atual de se colocarem, se fazerem presentes, de terem certa fama, mesmo que em universo restrito de conhecidos. Ocorre que o ser humano é, por natureza, um ser comunicativo, e independentemente das abordagens contemporâneas, tem necessidade de se relacionar e comunicar com o mundo. Talvez por isso se explique o sucesso da Internet e, nela, de redes como o Twitter. Quanto a isso, SANTAELLA faz importante reflexão.

A partir do viés conceitual usado por Lévy (1998), segundo o qual toda inteligência coletiva tem uma base social – “pensamos com

ideias, línguas, tecnologias cognitivas recebidas de uma comunidade” (ibidem, p.29) -, é que articulamos neste livro nossa resposta à pergunta “O que é Twitter?”. Nossa definição irá descrever o Twitter como uma mídia social que, unindo a mobilidade do acesso à temporalidade *always on* das RSIs 3.0, possibilita o entrelaçamento de fluxos informacionais e o design colaborativa de ideias em tempo real, modificando e acelerando os processos globais da mente coletiva. O que é o Twitter? Uma verdadeira ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, “termômetro” social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas.(...) Nele, deparamo-nos com uma ecologia complexa de veiculação de ideias. A pergunta ‘O que você está fazendo agora?’ se transformou em ‘No que você está pensando agora’, fazendo com que cada fluxo se torne literalmente um fluxo de dimensões cognitivas, em que sinapses trafegam em tempo real, ativando tramas complexas de redes neurais digitais que integram impulsos maquínicos a consciências (SANTAELLA, 2010, p. 63)

Dois aspectos merecem destaque em SANTAELLA. Em primeiro lugar, a definição do Twitter como “Ágora” digital. Ágora era o nome das praças públicas na Grécia antiga onde os cidadãos discutiam assuntos diversos ligados à Pólis, cidade. A grande troca de informações instantâneas promovida pelo Twitter efetivamente nos faz lembrar um debate, mas não apenas no espaço da Ágora grega, mas na grande Pólis que é o mundo atual interligado pela Internet, a famosa Aldeia Global. Em segundo lugar, a modificação da pergunta básica, ou seja, sair do original “O que você está fazendo agora?” para o “O que você está pensando agora?”. Essa nada sutil modificação abre espaço ainda maior para as potencialidades da plataforma: espaço de informação, mas também de discussão política, econômica, cultural e, por consequência, de participação na vida social, isto é, a própria “Ágora digital”.

Quando o Twitter foi criado em 2006, pesquisas sobre poesia digital e artes em geral já se encontravam em andamento. A ferramenta acabou por se tornar extremamente popular entre os internautas, o que o fez ser utilizado em larga escala, para os mais variados objetivos, dos mais nobres aos mais fúteis, como já vimos anteriormente. Não tardaria, por óbvio, o Twitter, a ser visualizado e utilizado por pessoas ligadas à arte e, em especial, à produção literária. Abriu-se, então, uma nova frente de produção poética, limitada aos 140 caracteres, como um desafio para autores em geral, uma espécie de novo experimentalismo contemporâneo, com raízes nos vários tipos de poesia breve, desde os *hai-kai* japoneses, passando pelos poemas mínimos de Oswald de Andrade, até diversos experimentos concretistas. É nesse universo misto de

experimento e inovação tecnológica que vamos encontrar poetas como Alex Brasil e Fabrício Carpinejar.

Fabrício Carpinejar, em sua página do Twitter, mistura referências pessoais e twittes, por assim dizer, poéticos. Dizemos “por assim dizer”, por não haver uma divisão clara entre os objetivos das postagens. A brevidade dos textos são a marca obrigatória, delimitada, obviamente, pela limitação dos caracteres. Vale salientar que, ao lado de a produção ser feita especificamente “para” e “no” meio virtual da internet, o que se justifica pela delimitação do espaço, o poeta preocupa-se em publicar suas poesias virtuais no meio impresso: *A poesia em 140 caracteres*³. Tal preocupação não nos daria um indicativo, no mínimo, da desconfiança do autor em relação à permanência da produção no meio virtual? Além dele, outros poetas que já se aventuraram pelo Twitter também transpõem suas experiências do meio virtual para o escrito. Em 15 de dezembro de 2010, foi lançada, em São Paulo, uma coleção de 15 livretos com o nome CLÁSSICOS DA TWITTERATURA BRASILEIRA, promovida por uma ONG em associação com uma gráfica de papéis recicláveis. Dentre os autores presentes na coletânea, aparecem Xico Sá, Fabrício Capinejar, Alexandre Rosas, Léo Jaime entre outros. Vale salientar que a coletânea mistura textos poéticos em ambiente virtual de autores consagrados com outros textos de diversas finalidades, presentes na coletânea, presume-se, muito mais pela fama de seus autores que por alguma qualidade, tais como o empresário Eike Batista e a cantora Pitty.

Poesias móveis é o perfil do Twitter criado pelo Artista plástico mineiro Alex Brasil. Diferentemente de Carpinejar, Alex Brasil, em sua página do Twitter, dedica espaço exclusivo à produção poética. De qualidade poética duvidosa, as postagens têm a clara intenção de apenas trazer poesia, o que talvez explique a preocupação do autor em dividir linhas com barras transversais, marcando, teoricamente, os versos. A brevidade dos textos também continua sendo a tônica da produção. Vejamos como Alex Brasil publica.

“Um dia, a noite chega/Após o sol se pôr/Sem lua, sem estrela/Noite do sol do Amor.” (BRASIL, 2013)

“Se um dia então falisse/Teu bom coração fatigado/Eu bem faria a maluquice/De doar-te o meu enamorado.” (BRASIL, 2012)

³ CARPINEJAR, Fabrício. *A poesia em 140 caracteres*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Percebe-se, pelos exemplos elencados, a preocupação de marcar os divisores dos versos, tanto com a barra quanto com a maiúscula no início de cada linha. É importante lembrar que o espaço do twitter não permite a divisão clássica das linhas uma abaixo da outra, como na poesia tradicionalmente trabalhada no meio impresso.

Em ambos os casos, tanto de Carpinejar quanto de Alex Brasil, vemos a necessidade de se produzirem textos diminutos, sucintos, velozes e breves como o mundo atual. Fica, no entanto, a pergunta: o que vemos em autores como Carpinejar, Alex Brasil, Xico Sá e tantos outros seria um novo produção literária?

O fato que se nos afigura é que já existe tanto o termo TWITTERATURA quanto instituições que estudam o fenômeno. Existe, inclusive o ITC, l'Institut de Twittérature Comparée (Instituto de Twitteratura Comparada), com sede em Bordeaux e Québec.

Em reportagem da Internet, temos mais algumas pistas:

A hiperbreve "twitteratura" está cada vez mais reivindicando seu lugar na história literária, mas este exercício artístico limitado a 140 caracteres é visto por muitos como um artifício digital efêmero. [...] Mas, pouco a pouco, a chamada "twitteresfera" foi invadida por um uso alternativo, mais criativo, com fórmulas que se assemelham aos textos japoneses keitai shosetsu (um termo que provém de "novela/shosetsu - e "móvel/keitai), que são redigidos e enviados por SMS. Dessa forma, os escritores da "twitteratura" reivindicam seu lugar em uma história da qual também fazem parte os haikus japoneses - poemas breves formados geralmente por sete versos, sem rima - e os contos em três linhas do crítico e jornalista francês Félix Fénéon. "Este gênero, antes de mais nada, traduz a ideia de que os limites são fecundos, como demonstra também a poesia", observou o autor de twitteratura Jean-Yves Fréchette (@pierrepleau), para quem "a origem da literatura é lapidária, se escreve na pedra". Em 2010, este ex-professor de literatura de Quebec fundou com Jean-Michel Le Blanc (@centquarante), de Bordeaux (sul da França), o Instituto de Twitteratura Comparada (ITC) Bordeaux-Quebec, destinado a promover o gênero. Este Instituto organizou no final de março o segundo Festival Internacional de "Twitteratura", que teve sua primeira edição realizada em Quebec, em 2012. (AFP - Agence France-Presse, 2013)

No sítio na internet do ITC, encontramos, no manifesto da twitteratura, explicações sobre as origens e influências, além de algumas explicações básicas.

Este desvio de Twitter, e sua usurpação por parte dos apaixonados pelo discurso breve, define a Twitteratura. Sinais típicos e familiares aos usuários do Twitter, como a @, o #, o http, são raramente usados

por autores da Twitteratura. Todo o espaço é ocupado por um pequeno texto literário, com metáforas, aliteraões, trocadilhos ...⁴

Percebe-se que a proposta não é apropriar-se dos signos típicos, mas sim utilizar o espaço reduzido do ambiente virtual para produzir textos tipicamente literários com limite máximo de palavras. Além disso, há uma advertência no mesmo sítio.

“A Twitteratura não é a arte de resumir grandes obras no Twitter, mas sim uma nova forma de escrever que assinala brevemente no Twitter os humores da Web 2.0.”⁵

A Twitteratura, portanto, não seria adaptação de obras já feitas, mas criação direta no ambiente da rede, produção direta no campo virtual, substituindo o papel como suporte de produção e veiculação. Podemos deduzir, então, que a ideia de Twitteratura seria a apropriação, por parte dos escritores, do espaço do computador e da rede mundial de computadores, não caracterizando propriamente uma espécie alternativa de Literatura como essência artística.

Há, como vimos, um campo vasto de pesquisa e muitos aspectos a serem abordados. O Instituto francês nos mostra um movimento no sentido de estabelecer uma produção literária no ambiente virtual, em especial no Twitter, seja revigorando novas formas poéticas, seja adaptando recursos já utilizados ao limite de toques. Procurando aprofundar a discussão a partir de um corpus delimitado, analisaremos a produção do poeta Fabrício Carpinejar em sua página do Twitter, comparando-a com o que ele produz no veículo tradicional do livro impresso.

⁴ “Ce détournement de Twitter et son usurpation par les passionnés du discours bref définit la twittérature. La twittérature produit des textes exempts des signes cabalistiques pourtant familiers des utilisateurs de Twitter ; les @, les #, les http, sont rarement utilisés par les twittérateurs. Tout l'espace est occupé par un texte littéraire de petit format, par ses métaphores, ses allitérations, ses jeux de mots...” (Tradução nossa)

⁵ “La twittérature n'est pas l'art de résumer de grandes oeuvres dans Twitter. La twittérature c'est plutôt un nouvel art d'écrire qui signale brièvement dans Twitter les humeurs du Web 2.0.” (Tradução nossa)

FABRÍCIO CARPINEJAR - POETA

Escritor, jornalista e professor universitário, autor de vinte e um livros, pai de dois filhos, um ouvinte declarado da chuva, um leitor apaixonado do sol. Quando conseguir se definir, deixará de ser poeta.” (CARPINEJAR) (<http://www.carpinejar.blogspot.com.br/>)

Para chegarmos ao trabalho de Fabrício Carpinejar na plataforma Twitter e entendermos sua incursão pelos caminhos virtuais, vamos conhecer um pouco de sua produção poética anterior, procurando reconhecer os aspectos gerais de seu universo poético.

Nasce um poeta do casamento de dois poetas: Maria Carpi, poetisa, e Carlos Nejar, poeta, professor, membro da Academia Brasileira de Letras. Em 1972, o casal tem o seu terceiro filho, Fabrício Carpi Nejar, que segue os passos dos pais e acaba se tornando poeta, cronista, jornalista e professor, sendo uma das referências da poesia contemporânea. Passa a assinar seus textos como “Carpinejar”, fazendo a junção dos nomes do pai e da mãe. Carpinejar já recebeu vários prêmios⁶ em concursos literários.

Seus livros já publicados são: *As Solas do Sol* (Bertrand Brasil, 1998), POESIA; *Um Terno de Pássaros ao Sul* (Escrituras Editora, 2000, esgotado) (Bertrand Brasil, 3ª edição, 2008), objeto de referência nos The Book of the Year 2001 da Enciclopédia Britânica, POESIA; *Terceira Sede* (Escrituras, 2001), POESIA; *Biografia de uma árvore* (Escrituras, 2002), POESIA; *Caixa de Sapatos* (Companhia das Letras, 2003), (COLETÂNEA DOS LIVROS ANTERIORES); *Porto Alegre e o dia em que a cidade fugiu de casa* (Alaúde, 2004); *Cinco Marias* (Bertrand Brasil, 2004), POESIA; *Como no Céu e Livro de Visitas* (Bertrand Brasil, 2005), POESIA; *O Amor Esquece de Começar* (Bertrand Brasil, 2006), PROSA; *Filhote De Cruz Credo* (A GIRAFÁ EDITORA, 2006); *Meu filho, minha filha* (Bertrand Brasil, 2007), POESIA; *Canalha!* (Bertrand Brasil, 2008), PROSA; *Diário de um Apaixonado: sintomas de um bem incurável* (Mercuryo Jovem, 2008); *Mulher*

⁶ Prêmio Jabuti/2009, edição 51ª, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria Contos e Crônicas, com *Canalha!*, Prêmio Nacional Fernando Pessoa da União Brasileira de Escritores/RJ, categoria Revelação e Estréia, em 2000, com *As Solas do Sol*, Prêmio Nacional Cecília Meireles 2002, da União Brasileira de Escritores (UBE), com *Terceira Sede*, escolhido o melhor livro de poesia de 2001 e Prêmio Literário Internacional 'Maestrale - San Marco' 2001, MARENGO D'ORO (5ª Edição), de Gênova (Itália), categoria obra em língua estrangeira, com poemas de *Um Terno de Pássaros ao Sul*.

perdigueira (Editora Bertrand Brasil, 2011); **Borrallheiro** (Editora Bertrand Brasil, 2011).

Além dos livros publicados, Carpinejar mantém uma atividade intensa em várias mídias, tais como televisão, rádio e jornal impresso. Mantém, ainda, na Internet: um site, um blog, perfis no Facebook e no Twitter, meios através dos quais divulga sua produção literária. Atua, portanto, não apenas como escritor, mas como agitador cultural.

No ano de 1998, inicia-se a produção poética do autor, com o livro *As Solas do Sol*. O próprio título nos apresenta um trabalho diferenciado com a linguagem, tanto do ponto vista semântico, na oposição entre “Solas”, a parte debaixo dos calçados, e o “Sol”, o astro rei, a viagem, o infinito, quanto do ponto de vista estrutural, no aproveitamento da semelhança gráfica do “Sol” dentro das “Solas”. Os poemas do livro vão tecendo construções semelhantes, as quais, por sua vez, constroem as metáforas que encontramos ao longo da leitura dos versos. Na estrutura geral do livro, deparamo-nos com o personagem Avalor (sim, um personagem, embora não possamos dizer que se trata de um texto narrativo), que, diante de nossos olhos, perpassa dez colinas imaginárias, através das quais, em versos curtos, semelhantes ao haicai, desfila suas reflexões sobre a vida, a morte o homem. Note-se, ainda, que “Avalor”, seguindo o trabalho lingüístico de Carpinejar, pode ser definido como “sem valor”, comum, banal, o que diz muito sobre a reflexão existencial sobre o homem... No início de cada uma das dez colinas, temos epígrafes de Jorge de Lima, Jorge Luis Borges, Mário de Sá-Carneiro, entre outros, seguidas por textos em prosa até chegarmos às estrofes, breves, de versos, como já dito, curtos. A junção desses elementos, embora bem organizada, nos remete a um aparente ilogismo, semelhante, não raro, a passagens de cunho surrealista, como nos diz Nelly Novaes Coelho:

“Poesia amalgamada por uma imaginação de linhagem surrealista, a de Carpinejar desafia o leitor que pretende compreendê-la dentro de coordenadas lógicas do pensamento comum.” (COELHO, Nelly Novaes. Entrevista em Correio das artes, João Pessoa, edição de 5.12.99)

É assim que, entre os caminhos poéticos do livro, vamos pisando com nossas solas de leitores. O aparente ilogismo é fruto de uma linguagem que trabalha vocábulos nada eruditos, ao contrário, acessíveis ao leitor e participantes de nosso universo lexical mais básico, no entanto com ligações semânticas pouco ou nada usuais, o que provoca o insólito e surpreendem o leitor a cada verso:

"As baratas sugavam
o vazio das garrafas,
artefando asas
nos restos de mel
e cevada" (CARPINEJAR, 1998, p. 18)

“Baratas sugando o vazio, artefando asas em restos de mel e cevada”, como podemos perceber, são de fácil leitura, mas de difícil compreensão exatamente pelo insólito das imagens. Os versos curtos, quase pitadas poéticas ou pílulas de poesia, como diria Oswald de Andrade, por sua vez, parecem reforçar o deslocamento semântico dos termos, como se tivéssemos um longo hiato entre eles a preparar a surpresa que se avizinha:

"A ribeira do toque
fraudava a solidão,
as solas do sol
pisavam os olhos"(CARPINEJAR, 1998, p. 18)

Na construção do universo poético do livro, a surpresa e o insólito, como nos provoca a estrutura geral do texto, ficam em evidência. No prefácio, Antônio Carlos Secchin explica:

Se a força da metáfora parece eclodir a cada passo (‘Os astros enfermos/ aguardavam em fila/ um leito no firmamento’; ‘A roldana palitava/ a boca da cisterna/ e o pescoço da luz vestia/ o poncho do vento’; ‘Plumas pousavam/ como guardanapos/ nos joelhos do mar’), assinalemos também, já agora na arquitetura geral da obra, o destemor com que Fabrício encarou difícil e duplo desafio, o da prosa poética em abertura de seção, e o do verso curto em seu bojo, orquestrando um compasso de dicções paralelas ao longo de todo o texto. (SECCHIN, Antônio Carlos. Prefácio. CARPINEJAR, 1998)

Com *As Solas do Sol*, portanto, o universo inaugural de Carpinejar aponta para um fazer poético que parece querer combinar elementos de reflexão existencial de nossa caminhada sobre a terra (junto a um sentimento de transcendência) com elementos linguísticos ancorados no binômio simplicidade vocabular e poética x complexidade e junções semânticas inusitadas. Tal marca, como veremos mais

adiante, parece-nos já indicar certa proximidade natural com o ambiente virtual que regula, estruturalmente, os limites da produção poética, forçando a necessidade de tentar combinar o mínimo lingüístico com o máximo semântico, para quem se aventura em produzir literatura em meios como o Twitter. Nesse sentido, a subjetividade também aflora, beirando a produção aforística, filosófica, ao mesmo tempo lugar de manifestação do Eu e diálogo com o Outro. Veja-se o que nos diz SANTAELLA (2013): “Subjetividades são, assim, transformadas de um estado de passividade, isolamento e silêncio para uma forma de subjetividade ativa.”

Pode-se imaginar que é uma reflexão acerca da poética de Carpinejar, pois o caminho de nossa argumentação deságua perfeitamente no comentário da autora. Ocorre que tal comentário refere-se na verdade à produção no Twitter. Ela continua:

A participação nessas redes reforça também a criação de uma identidade digital, inclusive estimula a possibilidade de assumir várias identidades ou papéis para o exercício da fantasia, imaginação e de novos tipos de narrativas ou ficções. (SANTAELLA, 2013, p. 115)

Como vemos, as definições de SANTAELLA muito se assemelham ao que começamos a identificar na obra do poeta gaúcho. Ao longo de nosso trabalho, tentaremos verificar se a impressão inicial de haver um nexos essencial entre a plataforma Twitter, com sua brevidade, e a poética de Carpinejar se confirma.

Em 2000, vem a público o segundo livro de Carpinejar: *Um Terno de Pássaros ao Sul*. Do ponto de vista estrutural, temos uma novidade. No lugar das partes que se combinam em *As Solas do Sol* (As colinas, o viajante, as epígrafes) temos um único e longo poema em que mergulhamos numa espécie de busca às origens, à gênese de nós mesmos. Mais uma vez há de se notar o trabalho poético que já se inicia no título: *Um Terno de Pássaros ao Sul*. Terno, vestimenta feita de pássaros que nos fazem viajar ao sul? Ou seria um “terno”⁷, singelo, voar de pássaros, voar-verbo em elipse, escondido em nós? Independentemente da leitura que o título proporcione ou da estrutura poética

⁷ ter.no¹ *adj* (*lat teneru*) 1 Afetuoso, meigo. 2 Brando, suave. 3 Que tem sentimentos afetuosos. 4 Que causa dó ou inspira compaixão; lastimoso. 5 Carinhoso, afável. ter.no² *sm* (*lat terni*) 1 Grupo de três coisas ou pessoas; trio. 2 Dado, pedra de dominó ou carta de jogar com três pintas. 3 *Reg* (Minas Gerais) Grupo de pessoas, pouco ou muito numeroso: *Reuniu-se um terno de meninos*. 4 Vestuário masculino, composto de paletó, colete e calças, do mesmo tecido e cor. [...] 7 *Reg* (Rio Grande do Sul) O conjunto das parelhas de bois de uma carreta. 8 *Reg* (Rio Grande do Sul) Grupo de três peões que se emprega no serviço de marcação do gado. [...]

e linguística do poema, o certo é que temos a recorrência das reflexões existenciais que marcam fortemente o primeiro livro. O texto pode ser caracterizado como uma viagem de retorno ao pampa gaúcho (o Sul), ao pai e à própria origem. Diz Fernando Monteiro:

A viagem do poema é daquela variedade “grega” — embora no pampa — dos périplos à volta do umbigo do mundo, do ônfalo da Região e do armário onde se escondem a origem e o destino: ‘Sou o familiar/que estranha as vivências./Sou o filho do teu ruído,/os ombros doendo’(...) ‘Tantas vezes caí/em teu lugar,/que descobri o inferno/ao repetir a salvação./Tantas vezes caíste/em meu lugar,/que descobriste a salvação/ao repetir o inferno.’ Volta ao pampa... — diz o filho poeta ao pai estranhado pela vida, num monologar que conversa lentamente: com o Outro, com a poesia e consigo mesmo. (MONTEIRO, 2001)

Essa busca das origens, do entendimento do ser, vai se tornando o elemento comum que costura a teia da poesia de Carpinejar. A presença do pai e as inúmeras referências a ele acrescentam ainda uma reflexão: além de pai, no sentido biológico do termo, de origem da própria vida, Carlos Nejar deixa marcas profundas também na própria gênese do poeta. É o poeta gerado pelo poeta, o que dimensiona a reflexão tanto da vida quanto da produção poética.

A estrutura de *Um Terno de Pássaros ao Sul* chama a atenção. Por um lado, quanto à formatação geral, difere de *As Solas do Sol*, pois, como já vimos, não tem capítulos ou quaisquer divisões. É um único texto, com estrofes de três versos, lembrando, neste aspecto e na viagem, os versos de Dante em *A Divina Comédia*, mas retomando a característica já vista dos versos curtos.

“Se o cego canta,

Aceitamos

a escuridão

Teu corpo embarcou

em outro corpo,

extraviaram a data de postagem.” (CARPINEJAR, 2000, p. 26)

Mais uma vez nos deparamos com o recurso das pausas provocadas pelos versos, pausas que mais uma vez parecem intensificar o poder de reflexão, a “parada obrigatória” que acende, que acorda as imagens profundas que o texto vai libertando

da memória. O poeta Manuel Bandeira, em seus poemas de caráter confessional, recorria com certa frequência às imagens do passado, do Recife de sua infância. Em textos como “Evocação do Recife” ou “Profundamente”, encontramos um pouco desse recurso de suspensão provocado pela brevidade dos versos:

“De repente...

Nos longes da noite...

Um Sino.”(BANDEIRA, 1993)

Ao confrontarmos a estética de *Um Terno de Pássaros ao Sul* com sua temática existencialmente confessional, temos a nítida impressão de que, assim como no trecho acima de Evocação do Recife, de Bandeira, Carpinejar une a versificação breve com as pausas para refletir, reflexão essa incrustada nos próprios versos e nos espaços entre eles.

Em 2002, vem a público *Terceira Sede*, coincidentemente o terceiro livro de Carpinejar. Nas palavras de José Castello, “...um livro denso e raro, ainda mais se contraposto ao cenário anêmico da poesia brasileira de hoje.”(CASTELLO, 2002). Terceira Sede se divide em elegias, textos tristes por essência, com estrofes breves por essência. Nelas, vemos passear, mais uma vez, temas de reflexão existencial: velhice, solidão, fracasso, silêncio.

“O livro é de 2045, escrito aos 72 anos. Como posso ter morrido antes, decidi antecipar a velhice.” (CARPINEJAR, 2002). É dessa maneira que o eu-lírico inicia o livro. Através desse artifício, o autor reflete sobre o futuro, como se fosse o passado. Confirma-se, por sinal, a tendência de Carpinejar em projetar-se para os poemas, reforçando o caráter confessional. No jogo dos números que o livro “esconde”, temos a idade do eu-lírico, 72 como a idade invertida do autor quando da escrita do livro, 27. Note-se, também, que o autor terá, se vivo estiver, 73 anos em 2045, bem próximo de seu eu-lírico. O título, Terceira Sede, resta, como de costume em seus títulos, inusitado. Que sede seria essa e onde estariam a primeira e a segunda? Embora a metáfora da “sede” não tenha aparecido nos dois primeiros livros, parece-nos tornar-se retroativamente elíptica a partir do terceiro: a “sede” de escrever, a “sede” de refletir. Já que o livro trata de um olhar sobre a vida a partir da velhice, seria ela, a velhice, a terceira sede? Mais uma leitura que nos soa plausível: sede de entender a dinâmica e o percurso da vida. E o que é a poesia, senão um debruçar-se sobre nossa existência? A

infância, primeira sede, soa como sede da descoberta, do abrir os sentidos para sorver a vida. A maturidade, segunda sede, remete-nos ao sentido de plenitude. A velhice, então, surge como a derradeira sede que nos atormenta ao tentar descobrir o mistério que nos espera. As leituras se avolumam e o livro contribui para a diversidade de respostas. Diz-nos José Castello:

Depois de perder a mulher, como um arqueólogo, passa os dias a perseguir seus vestígios. Não quer culpar a ninguém – e aqui devemos pensar em Carpinejar, o autor, e seus pais poetas: ‘Que não me digam: a poesia é hereditária./ Os filhos não merecem nossa culpa.’ Se fracassou, é com esse fracasso que deve ficar – até porque, contrapostos ao sonho, falhamos sempre. Atolado no silêncio, pergunta-se então para que se escreve. (CASTELLO, 2002)

Vê-se que, pelo comentário de José Castello, o autor de *Terceira Sede* realmente consegue impregnar o texto de confissões e reflexões plenas de carga autobiográfica numa tentativa, que chega a ser angustiante, de entender a vida e suas perdas. Seus versos chegam a flertar com os aforismos outra vez, buscando condensar grandes reflexões em mínimas palavras. Para Carlos Heitor Cony, em texto das orelhas do livro: “Antes de ser um poeta, Carpinejar é um pesquisador da alma e dos apelos humanos, sintetizados e muitas vezes ampliados no território de sua vivência pessoal, na sua maneira de ver e sentir o mundo.”

Do ponto de vista formal, *Terceira Sede* apresenta dez elegias. Em cada uma delas, mostram-se estrofes de variados tamanhos, mas com predominância clara de estrofes de três, dois e apenas um verso. A marca primordial continua sendo a da brevidade, com o uso intenso de metáforas e uma possibilidade sempre presente: a leitura pode ser feita de maneira completa para cada elegia ou para cada estrofe, o que mais uma vez nos dá a impressão de vários aforismos unidos para formar uma ideia geral, mas ao mesmo tempo independentes em suas ideias e reflexões particulares. Forma-se uma espécie de mosaico, onde cada parte tem significação própria e o conjunto delas, outra.

Ainda em 2002, vem a público *Biografia de uma árvore*, mantendo ainda as marcas dos livros anteriores. O personagem Avalor, o mesmo do primeiro livro, cujo nome é formado por uma prefixação indicando ausência de valor, reaparece em uma espécie de diálogo com Deus. Sem os rompantes cultistas, o texto traz a tensão típica do Barroco, ao procurar as razões do criador e angustiar-se diante delas: é

suficientemente herege para discutir a onipotência divina, mas humilde o suficiente para reconhecer sua pequenez, como nos diz José Castello:

Seus versos dialogam com Deus, ou seja o que for que venha abrigar o ser. Mas não é um diálogo consolador. Se perdoar é esquecer, como se diz, o poeta prefere não ser perdoado. "Não me perdoes, Deus. Não me esqueças/ .../ A claridade não se repete. A vida estala uma única vez." Sem receio de desafiar a divindade, ele admite que sua conversão é motivada pelo medo, "orando de joelhos diante do revólver,/ sem volver aos lados,/ na dúvida se é de brinquedo ou de verdade." Aponta, assim, seu estado de miséria. (CASTELLO, 2002)

Vem-nos automaticamente à lembrança a poesia de Gregório de Matos, não o estilo, mas a temática atormentada. Nesse sentido, *Biografia de uma árvore* completa um quarteto poético inicial da obra de Carpinejar que tem como eixo primordial a reflexão intimista acerca da condição humana e sua caminhada pela vida: Infância, maturidade e velhice compondo o mistério da existência (os três primeiros livros), e a tentativa de transcendência, de relação com o divino, de explicar, por meio da religião, o “outro lado do mistério” de onde falava Brás Cubas em suas Memórias Póstumas.

Convém não esquecer o subtítulo: *Poemas abandonados*. O livro então seria uma espécie de entulho, de conjunto de textos descartados e descartáveis, poesia do inútil, do que vai ao lixo. O “aviso” do subtítulo também nos apresenta fortes marcas do poeta Manoel de Barros e sua preferência pelo torto, pelo desprezado e pela “inutilidade” das palavras, mas também nos remete ao “gauche” drummondiano marcado pela maldição do anjo torto em seu *Poema de sete faces*: “Meu Deus! Por que me abandonaste...”

As reflexões de Avalor se dão em outubro de 2045 (mais uma vez o ano de 2045), ano em que a Terceira Guerra Mundial é iminente, e estão reunidas em livro entregue nas mãos de Dr. Ossian. O livro é, ao mesmo tempo, a orelha de uma árvore e guarda a voz de Deus apresentando três versões: autorizada pelos pássaros (o médico), autorizada pelas raízes (o narrador poético) e autorizada pelos frutos (reflexão dos filhos). O flerte com a prosa é evidente, principalmente em sua carga narrativa. Diz-nos Cíntia Moscovich:

Jornalista, mestre em Teoria Literária e autor premiado, Carpinejar espelha no seu texto o estofo sólido do contato com a tradição. Mantendo a intertextualidade (o Dr. Ossian do início é o poeta romântico, e a orelha da árvore é aquela decepada de Van Gogh), a

opção de transformar o homem em árvore foi inspirada pela *Metamorfose*, de Kafka, e pelas *Metamorfoses*, de Ovídio. Mas não só o cânone deixou sua marca. Eclético, Fabrício foi buscar referências em Arthur Bispo do Rosário, aquele mesmo que, internado num hospício, trazia um manto bordado com os nomes dos que resistiriam ao juízo final. O resultado é o *Novíssimo Testamento*, poema de fecho e que tem a marca de uma bíblica rebeldia. (MOSCOVICH, 2002)

Como podemos perceber, as intertextualidades são múltiplas, assim como são também múltiplos os sentidos e as leituras do texto de Carpinejar. Ao final do livro, ainda encontramos um *Novíssimo Testamento*. No dizer de José Castello, “Para Fabrício, a poesia é a arte de errar e é porque o homem pode ser o que é. Poeta, então, é aquele que erra melhor.” (CASTELLO, 2002) Nesse *Novíssimo Testamento*, chamam-nos a atenção dois aspectos. O primeiro deles é a utilização do superlativo absoluto sintético “novíssimo”, o que nos remete ao famoso *Prefácio Interessantíssimo*, de Mário de Andrade, não apenas pelo simples uso do superlativo, mas pelo efeito estilístico da intensificação do adjetivo, beirando a ironia. Há um claro destaque ao novo, ao inusitado, destacando-se, ainda, a estrutura de ambos os textos bem próxima aos manifestos das Vanguardas Européias, ou seja, fragmentária, quase panfletária. O segundo aspecto é a estrutura marcante do *Novíssimo Testamento*:

Legendar a conversa dos pássaros ao amanhecer,
esticar o arame do violino,
restaurar o som dos peixes com o veludo dos pés,
acolher o elogio dos defeitos,
prender em gaiolas os livros de leitura avoada,(...)
(CARPINEJAR, 2002, p.24)

Orações coordenadas, com verbo no infinitivo, do início ao fim do texto formam um grande manifesto, um “decálogo” do fazer poético na visão do eu-lírico, que em seu conteúdo confirmam a “marca de uma bíblica rebeldia”, no dizer de Cintia Moscovich. Ainda com relação à estrutura do poema, voltamos à questão: a preferência pela coordenação sintática e pelo infinitivo dá ao texto tanto a possibilidade de uma leitura sequencial da totalidade quanto a leitura aleatória de suas orações, “pílulas” de poesia, twittes de uma rede poética....

Em 2003, é lançada uma antologia com os principais textos dos quatro primeiros livros de poesia de Carpinejar: *Caixa de Sapatos*. Com seleção feita pelo próprio autor, o livro tenta pinçar momentos importantes da produção do poeta. Como

já tratamos dos quatro livros aqui, deixemos com Marcelino Freire uma visão geral sobre a obra de Carpinejar a partir de *Caixa de Sapatos*:

Não ter para onde ir é uma forma de sempre chegar." Não há como negar. Doa no calo de quem doer, a poesia deste baita gaúcho é uma das mais originais e melhores do "mercado". É claro, se por "mercado" você entender tudo aquilo que se ganha no grito. Costumo dizer: a geração do Carpinejar é a mesma que a minha. Geração teimosa, que não deixa a língua morrer à míngua. Vai à luta. Quem disse que poeta vive mais sozinho? Poeta, hoje, mora cercado de computador e passarinho. (FREIRE, 2003)

No ano de 2004, Carpinejar publica *Cinco Marias*. Mais uma vez encontramos elementos recorrentes de sua poesia, tais como o ano de 2045, o flerte com a prosa através da narrativa, as marcas autobiográficas e o jogo aforístico, além, é claro, do tom reflexivo existencial. O livro parte de uma notícia de jornal fictícia, de 31 de outubro de 2045. É um recorte do "Diário do Sul", reproduzido no fecho do livro, com a manchete: "Mulher enterra marido no pátio". É a notícia de um crime cometido em São Leopoldo, RS, onde Carpinejar nasceu e vive até hoje. Uma professora de música aposentada e poeta, Maria de Fátima Ossian, de 45 anos, matou o marido, o psiquiatra e escritor Mauro Ossian, de 70 anos, enterrando seu corpo no jardim da família. (Como podemos ver, reaparece o poeta Ossian, agora com a identidade feminina; os pais do autor são representados na figura da poeta e do escritor.) Encontrada pela polícia, com amnésia, a mulher nega ter enterrado o marido e afirma que os livros da casa é que foram enterrados. A produção poética é feita a partir de um diário coletivo escrito pela mulher e suas quatro filhas, as Cinco Marias. Tal diário, na verdade, diferentemente do que se poderia esperar pelo tipo de texto não é cronológico nem linear, pelo contrário, traz impressões e informações embaralhadas, misturando pensamentos e reflexões das cinco protagonistas. Diz-nos a respeito, Antônio Giron:

"O livro desfia a sequência de meditações do quinteto assassino, em ordem aleatória como a da brincadeira de pedrinhas. Nela, as consciências se embaralham, inclusive a de quem lê." (GIRON, 2004)

Percebe-se, então, como o trabalho poético de Carpinejar mantém seu fluxo em apresentar as partes independentes do todo, embora para este contribuindo. O caráter de aforismo em sua poesia volta a compor essa espécie de mosaico de que tratamos anteriormente e a utilização dos versos curtos permanece. Quanto à estrutura geral, o

aspecto narrativo, também de mosaico, lembra-nos experiências anteriores da prosa de Rachel de Queiroz, Osman Lins e Raimundo Carrero, bem como a recorrência de alguns personagens evoca o recurso de fazer personagens reaparecerem em vários livros, em narrativas diferentes, como ocorre nas obras de Machado de Assis e Érico Veríssimo. Frise-se, ainda, no caso específico de Cinco Marias, a clara lembrança de Capitães da Areia, de Jorge Amado, partindo de uma notícia de jornal fictícia. Quanto à perspectiva temática, mistura-se a reflexão existencial com a metaliteratura:

As pessoas que são justas,/discretas, comportadas,/ netos ao colo,
casos arquivados,/ não rendem literatura. A impureza emocional. (...)
A vida com erros de ortografia/tem mais sentido./ Ninguém ama
com bons modos. (CARPINEJAR, 2004, p. 14)

A reflexão acerca do processo criador do poeta, como vimos, está presente na fala que brota dos diários das Marias. Seriam elas seus “heterônimos” a gritar dentro do escritor? Parece-nos que, ao menos, fica clara a intenção de trazer para o leitor atento a reflexão tanto a respeito da vida humana quanto dos meandros motivacionais daquele que escreve. Quanto a estas reflexões, diz-nos GIRON:

Carpinejar não soa deste mundo nem deste século. Não escreve, e sim inscreve seus versos em páginas que surgem com forças de ditados. Vibra clássico e mergulha em temas que os outros descartaram por moda, ou tédio. Ele reencarna no Brasil o português Cesário Verde (1855-1886), poeta que exaltou a simplicidade e o cotidiano. A diferença é que a rua de Carpinejar enche seus aforismos de palavrões e fobias contemporâneas – o que o faz lembrar Drummond e José Régio. Sem a pretensão de fazer parte do cânone das belas-letas, confessa que seus versos de pés curtos se devem à asma. “A asma me alfabetizou. Aprendi a escrever do jeito que respiro, a pontuar de acordo com o temperamento e humor dos pulmões. Sambo conforme a asma. Faço trajetos longos com muitas paradas. Sou um maratonista de haicais. (GIRON, 2004)

Há que se destacar que tanto GIRON quanto o próprio Carpinejar mencionam o aspecto breve dos versos. Aquele fala em “ditados”, este se considera um “maratonista de haicais”. Os ditados ligam-se naturalmente aos aforismos, pela pretensão de aliar frases curtas a maiores reflexões. Já o haikai, tipo de poema de origem japonesa, famoso por sua concisão em três versos para um total de 17 sílabas, guarda também a marca da pretensão filosófico-existencial num universo lingüístico restrito. A brevidade dos versos do poeta gaúcho tem claras raízes nesses tipos de poemas curtos e, como veremos adiante, nos parece uma porta aberta a permitir o perfeito “encaixe”

entre a poesia de Carpinejar e a velocidade típica do ambiente virtual, em especial uma ferramenta como o Twitter, que limita a produção escrita a 140 caracteres.

Em 2005, é publicado o livro *Como no céu & Livro de visitas*. O tema da vez é o casamento, analisado em duas faces distintas: de um lado, a felicidade e transcendência “Como no céu”; do outro, as dificuldades, os problemas da vida a dois, o inferno, em “Livro de visitas”. Ainda mais uma vez, a própria experiência pessoal do poeta é o ponto de partida para o trabalho lírico de seus poemas, pois em cada verso ressoa a própria fala de Carpinejar:

Minha mulher
 não é seu nome e uma data
 inscritos na aliança.
 Minha mulher é o sabão seco
 ao redor do anel.
 Quando andamos de mãos dadas,
 a aliança faz espuma.
 (...)
 As cartas de amor
 deveriam ser fechadas
 com a língua;
 Beijadas antes de enviadas.
 Sopradas. Respiradas.
 O esforço do pulmão
 capturado pelo envelope,
 a letra tremendo
 como uma pálpebra.
 Não a cola isenta, neutra,
 Mas a espuma, a gentileza,
 a gripe, o contágio.
 Porque a saliva
 acalma um machucado.
 As cartas de amor
 deveriam ser abertas
 com os dentes. (CARPINEJAR, 2005, p. 33)

Nesses trechos de *Como no céu*, temos a abordagem temática romântica da valorização do amor, em que pese a linguagem típica da literatura moderna e contemporânea. O lado bom do casamento é destacado com beleza e um certo arrebatamento. Quando vamos, no entanto, a *Livro de visitas*, mágoas e ressentimentos os mais variados surgem de maneira crua e contundente, como a destilar todo o sofrimento com a separação dos pais do autor.

Desapareço das fotos da família.
 A família é como o câncer.
 Isolam-se os primos.

Os tios brigam pela herança.
 Um tronco é sacrificado a cada ano.
 As festas não são celebradas juntas.
 Agrega-se um sobrenome no casamento
 e não adianta, o mal já está espalhado.
 (...)
 Não fui o primogênito
 para ser um segundo pai.
 Não fui o caçula
 para tomar as dores da mãe.
 Sou o filho incerto, do meio
 e do canto da mesa.
 (...)
 Ele viu sua mulher morrendo
 e começou a xingá-la no hospital.
 Com um dedo em riste,
 segurou seu braço como um soro
 e disse que havia um gato em casa
 precisando de comida
 e disse que as janelas estavam abertas
 e um ladrão poderia aproveitar o vacilo
 e disse que a louça restou empilhada
 e disse que a carne descongelava e iria
 estragar
 e disse que teria jogo com os amigos amanhã
 e disse para ela prometer
 que da próxima vez que fosse morrer
 avisasse com antecedência.(CARPINEJAR, 2005, p. 59)

Toda a acidez e toda mágoa que o dia a dia provoca aparece em *Livro de visitas*, como podemos ver no trecho destacado. A família é o câncer, o marido que vê a mulher morrer não se compadece dela, pelo contrário, a culpa por deixá-lo só sem os serviços da “empregada”, e o eu-lírico, por fim, é o filho do meio, o desgarrado, o torto, o gauche, o “avalor”.

Do ponto de vista estrutural, deparamo-nos com mais uma subversão da ordem. *Como no céu* e *Livro de visitas* são, na verdade, dois livros em um, sendo o início de cada volume as capas do livro. O efeito atingido é que, começando por um livro até o seu final, começaremos o segundo pelo fim e vice-versa, o que, convenhamos surpreende e desestabiliza o leitor. As duas faces da mesma moeda que a organização do livro apresenta podem representar metaforicamente, também, as faces do casamento e das relações humanas.

É nesse passear pelas relações humanas que temos *Meu filho, Minha filha*, de 2009, livro em que Carpinejar volta aos tercetos para abordar o tema da paternidade. O eu-lírico tensionado em narrador é a voz do pai refletindo sobre os mistérios, alegrias e desafios da paternidade no contato com seus dois filhos. Há momentos em que as falas

de pai e filhos se misturam e é nesses encontros, também nos desencontros, que se levantam as reflexões mais uma vez sobre as relações humanas e a vida, tudo nos mesmos versos breves.

Não há tantos terrenos baldios.
 Não há tantos pátios ou quintais.
 Meus filhos moraram em apartamentos toda a vida.
 Não tinham para onde fugir de mim.
 Não tinham uma reserva de invisibilidade.
 Um canteiro para guardar confidências
 E fazer experiências com formigas.
 Sempre próximos de uma apreensão,
 sempre com vontade de sair mais do que voltar.
 Eu já me abastecia de saudade
 dos pais dentro de casa.(CARPINEJAR, 2009, p. 35)

A partir da análise da obra de Fabrício Carpinejar, desde sua estréia em 1998 até a publicação de 2009, devemos destacar alguns aspectos que nos levarão mais adiante a estabelecer as comparações com a produção em ambiente virtual. Em todos os livros analisados, a estrutura de versificação permanece a mesma, ou seja, recorrência de versos curtos, leves, numa poesia marcada pela brevidade. Tal recorrência aproxima a poesia de Carpinejar dos haicais e dos aforismos. Mesmo em textos com pretensões formalmente maiores, como o *Novíssimo Testamento*, em *Biografia de uma árvore*, o poeta gaúcho se serve de um elenco de tópicos, típicos dos manifestos de vanguarda, tendendo ao panfletário. Mais adiante veremos que tal estrutura mínima de versificação guarda forte relação com a chamada Twitteratura e sua necessidade de concisão. Do ponto de vista temático, há um forte mergulho na alma humana e seus meandros, uma intensa reflexão sobre os variados aspectos da vida do homem em seus inúmeros aspectos. Tal carga reflexiva também se coaduna com o caráter reflexivo dos haicais e dos aforismos, o que nos permite compreender a obra do poeta Fabrício Carpinejar como equilibrada entre a brevidade formal e o aprofundamento temático, numa forte densidade poética.

A questão que se nos coloca agora é: como Carpinejar escreve na plataforma Twitter da internet? Em virtude da limitação de espaço, ele teria de se adaptar ao ambiente virtual e, em consequência, estabelecer um novo tipo de poesia? Ou será que a produção no Twitter apenas transpõe para a internet o mesmo gênero poético já produzido por Carpinejar em livro impresso? No próximo capítulo, analisaremos a produção do poeta no Twitter para responder às questões levantadas.

FABRÍCIO CARPINEJAR – PRODUÇÃO NO TWITTER

“Não sei se Twitter é literatura, mas é ótimo para treinar epitáfios.” (Fabrício Carpinejar)

Carpinejar estreia na plataforma Twitter no ano de 2009, abrindo uma conta pessoal nesse ambiente da internet. A partir de então, publica, no mesmo perfil, notícias de suas atividades de escritor, participações em palestras e as poesias produzidas diretamente no ambiente virtual. Com a limitação de toques da plataforma, cento e quarenta caracteres, veio a oportunidade de exercitar os versos soltos, fragmentos de versos, aforismos, como nos diz o próprio autor:

Sempre fui leitor de aforismos: Pascal, Chamfort, La Rochefaucauld, Karl Kraus, Goethe, Ciaron. Ou dos brasileiros Millôr, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Antonio Maria, Clarice Lispector, Mário Quintana, Ponte Preta, Daniel Piza, Luís Fernando Veríssimo. Consistia numa chance de exercitar a densidade, a sentença filosófica, o provérbio, a rasteira, o relâmpago. Síntese implicante, clarão de desconforto, que contraria lugares-comuns e condicionamentos. Que assume a advocacia do ordinário. (CARPINEJAR, 2009, p. 08)

Entre a “advocacia do ordinário” e a “síntese implicante”, veremos se a poesia produzida por Carpinejar no Twitter vai atingir a densidade poética precisa para textos curtos, mostrar independência em relação a outros gêneros poéticos ou, com a influência da leitura de textos também breves, como os aforismos e provérbios, não se portará como estes mesmos textos, apenas transpostos para a plataforma virtual.

Nosso trabalho vai se debruçar sobre dois momentos distintos da produção de Fabrício Carpinejar no Twitter. 140 twittes (como são chamadas as postagens no Twitter) postados em 2009, mais precisamente entre os dias 21 de junho e 29 de julho, e outros 140 postados em 2014, entre 12 de abril e 15 de agosto. Cada momento será analisado de maneira separada, para compararmos ambos posteriormente entre si e com a produção em livro.

- CARPINEJAR NO TWITTER – Uma análise geral de 280 tweets produzidos nos anos de 2009 e 2014.

“As reticências são latifúndios improdutivos”

(Fabrício Carpinejar)

Para servir de material de análise para nosso trabalho, selecionamos 280 tweets publicados por Carpinejar nos anos de 2009 e 2014. Não nos foi possível acessar as postagens feitas entre 2010 e 2013, por uma limitação da própria plataforma (pode-se visualizar apenas as últimas 3500 postagens), motivo pelo qual resolvemos, para efeito de comparação, utilizar os primeiros momentos do poeta no Twitter, em 2009 (publicada em livro), e a produção atual, em 2014. Em cada um dos momentos, foram selecionados 140 tweets, o que consideramos ser uma amostra considerável e suficiente para analisar os diversos aspectos da produção.

Da análise do total das postagens, nos foi possível observar inúmeros aspectos que caracterizam a poesia do poeta gaúcho no Twitter. Do ponto de vista da estrutura, em todos os 280 tweets ficam evidentes algumas marcas. Não há, em nenhum momento, presença de títulos. Os versos aparecem livres na plataforma, podendo ser identificados como poesia apenas pela diferença da fonte utilizada, em relação a outras postagens, além do conteúdo e do trabalho evidentemente estilístico com o texto. A postagem na plataforma não permite a divisão de linhas na formação típica de poemas, de forma fixa ou não, como ocorre nas publicações tradicionais tais como livros ou outros ambientes da internet. Por esse motivo, os poemas devem ser escritos numa única linha. Em nossa pesquisa, verificamos que alguns autores que usam a mesma plataforma, o Twitter, servem-se do recurso da barra ou da maiúscula, ou ambos, para marcar o início de cada verso, como segue:

“Entre o silêncio e a poesia/ A majestade da rainha/ Não mais terá o
que teria/ Reinará errante e sozinha.” (BRASIL, 2013)

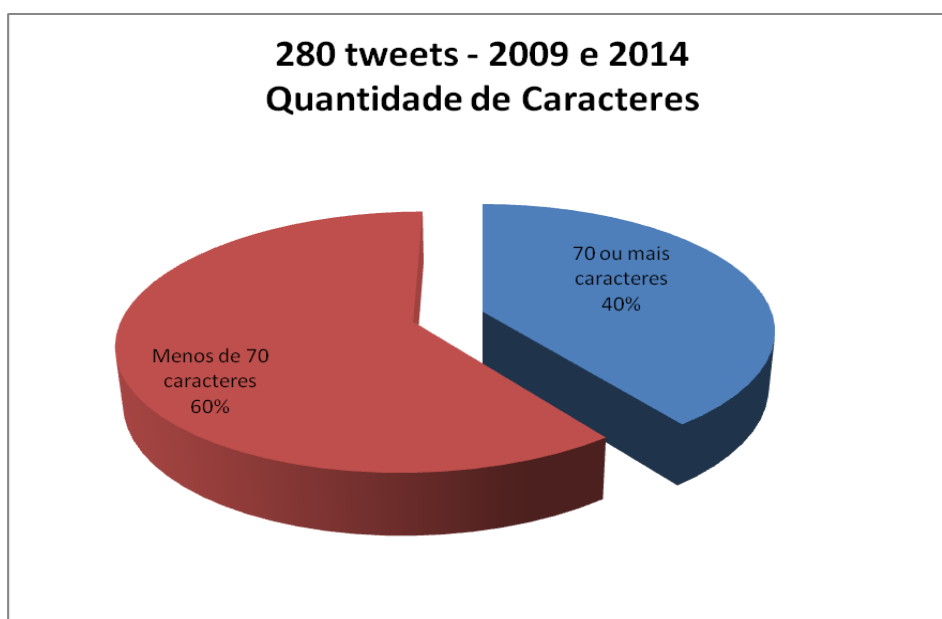
Em sua conta no Twitter, Poesias móveis, BRASIL serve-se desse recurso, como vemos, para marcar o discurso poético, incluindo aí as rimas. Fabrício Carpinejar, no entanto, em nenhum dos 280 tweets, utiliza barras ou maiúsculas marcando divisão de versos, o que nos permite deduzir serem suas postagens versos únicos, aproximando-os bastante dos aforismos e provérbios. As maiúsculas, quando aparecem, são marcas apenas gramaticais, sintáticas, demarcando suas posições não nos versos, mas nas orações.

“Retirar o que disse ou se desculpar são 2 pedidos diferentes. Se retiro, não preciso mais me desculpar. Se me desculpo, assumo que errei.” (CARPINEJAR, 2014)

Como vemos, a construção de CARPINEJAR, na postagem de 2014, não leva em consideração uma divisão típica da versificação, mas sim a estrutura sintática. Não havendo divisão de versos claramente demarcada, resta evidente que se trata de um verso único, o que vai se repetir ao longo da produção poética do autor no Twitter.

Outro aspecto a ser analisado é a metrificação dos versos. Sendo as postagens versos únicos, tipificar a metrificação não seria tarefa fácil, ou melhor, seria realmente necessário usar metrificação? Como a métrica nos parece ser um recurso a ser utilizado apenas quando se têm dois versos ou mais, já que a métrica pressupõe a presença de um ritmo, nos serviremos dela apenas como material para elucubração, como veremos adiante. Tentando chegar a essa possibilidade, preferimos, inicialmente, fazer uma análise geral com base na quantidade de caracteres de cada tweet dos 280 selecionados no Twitter de Carpinejar, ressaltando-se que, nessa contagem, os sinais de pontuação e os espaços também devem ser contados, uma vez que ambos entram no somatório para o limite de 140 toques.

Do total de 280 tweets analisados, 111 tinham mais de 70 toques, dentre esses, apenas 48 ultrapassando 100 toques. A grande maioria das postagens é feita com tweets com menos de 70 toques, num total de 169. Vejamos o gráfico I:



Já nesta avaliação geral, percebemos que o tamanho das postagens fica bem abaixo do limite de caracteres da plataforma, ou seja, Carpinejar produz seus poemas no

Twitter sem precisar adequá-los ao limite máximo de 140 toques, o que se acentua com a constatação de que apenas 01(um) dos poemas analisados chega a esse limite e apenas 48 de um total de 280 ultrapassam 100 toques. Aqui chegamos a um dado interessante: caso os tweets superiores a 70 toques fossem, digamos assim, adaptados à poesia tradicionalmente produzida em livro, em forma fixa ou livre, excetuando-se, é claro, a poesia concreta e similares, fazendo-se a escansão, teríamos, no mínimo, versos acima de 18 sílabas, caso considerássemos versos livres, ou, no mínimo, dois versos próximos ao decassílabo, no caso da forma fixa. Vejamos isso em uma postagem que se situa exatamente no meio, ou seja, com 70 toques.

“Na separação, leio somente dicionários. Para me procurar em sinônimos.” (CARPINEJAR, 2009)

Como já dissemos, o total de 70 toques inclui sinais de pontuação e espaços. Mais uma vez percebemos a inexistência de divisão de versos, sendo a maiúscula apenas a marca da construção sintática de início de período. Façamos um pequeno exercício de imaginação e tentemos reescrever o tweet como se estivéssemos a fazer o poema fora dos limites do Twitter e imaginando ser ele um poema de forma fixa.

Na¹/ se²/pa³/ra⁴/ção,⁵/ leio⁶/ so⁷/men⁸/te⁹/di¹⁰/cio¹¹/ná¹²/rios. - 12 sílabas poéticas.
Pa¹/ra²/ me³ /pro⁴/cu⁵/rar⁶/ em⁷/ si⁸/nô⁹/ni/mos. - 09 sílabas poéticas.

A separação em versos, numa tentativa de marcar o ritmo, nos mostra uma estrutura de versificação maior e uma maior possibilidade de demarcação dos versos para se chegar a uma estrofe. Numa projeção para um único verso, teríamos:

Na¹/ se²/pa³/ra⁴/ção,⁵/ leio⁶/ so⁷/men⁸/te⁹/di¹⁰/cio¹¹/ná¹²/rios.¹³/ Pa¹⁴/ra¹⁵/ me¹⁶
/pro¹⁷/cu¹⁸/rar¹⁹/ em²⁰/ si²¹/nô²²/ni/mos. - 22 sílabas poéticas

Podemos deduzir, então, que a menor ocorrência de postagens acima de 70 toques acaba por refletir o caráter fugaz da plataforma, postagens maiores acabam por não se adaptar à rapidez da leitura e produção, daí a preferência clara pelas postagens com menos de 70 toques. Vejamos, agora, o mesmo exercício de imaginação com um tweet abaixo dos 70 toques.

“Sem curiosidade sobre o outro, terminaremos sempre no tédio.”
(CARPINEJAR, 2014)

Selecionamos uma postagem de 60 toques. A própria estrutura gramatical nos ajuda no exercício de transformação. Vejamos como seria a adaptação agora.

Sem¹/ cu²/rio³/si⁴/da⁵/de⁶/ so⁷/bre o ou⁸/tro, - 08 sílabas poéticas.

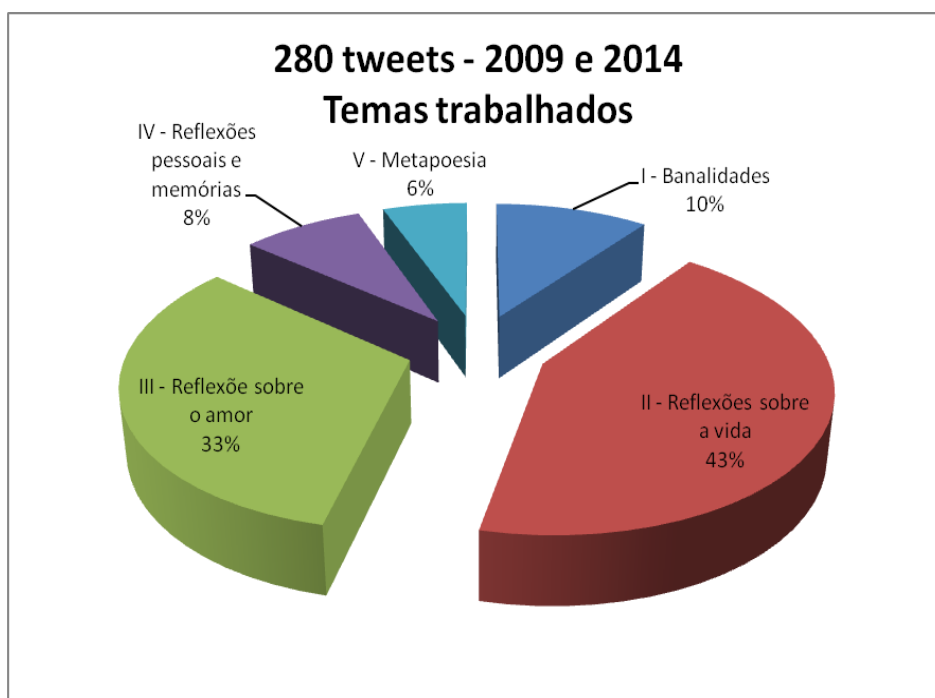
ter¹/mi²/na³/re⁴/mos⁵/ sem⁶/pre⁷/ no⁸/te⁹/dio.” - 09 sílabas poéticas.

Temos, nesse caso, versos menores tendendo para as redondilhas, com o ritmo naturalmente bem mais leve e rápido. Se considerássemos apenas um único verso:

Sem¹/ cu²/rio³/si⁴/da⁵/de⁶/ so⁷/bre o ou⁸/tro, ⁹/ter¹⁰/mi¹¹/na¹²/re¹³/mos¹⁴/ sem¹⁵/pre¹⁶/ no¹⁷/té¹⁸/dio.” - 18 sílabas poéticas.

É óbvio que, quando nos aproximamos dos limites mínimo e máximo das postagens, temos versos respectivamente menores e maiores. Mais uma vez é interessante notar a preferência pelos versos menores, bem em consonância com a rapidez da rede social. É evidente que tanto em sua poesia em livro impresso quanto em sua incursão pelo Twitter, Carpinejar, como típico poeta contemporâneo, produto já das mídias e da comunicação, não produz poesia com preocupação métrica ou rigor formal. Tal abordagem nos serve apenas de elemento puramente ilustrativo do caráter estrutural das postagens de intenção poética no Twitter, numa livre associação com a poesia fora do microblog.

Vejamos, agora, uma abordagem geral no que concerne ao conteúdo dos 280 tweets. Nesse ponto, para orientar nossa avaliação, decidimos dividir os 280 tweets em cinco tipos, de acordo com a temática, a saber: I – Banalidades. II – Reflexões sobre a vida. III – Reflexões sobre o amor. IV – Reflexões pessoais e memórias. V – Metapoesia. Tivemos cuidado de fazer a contagem, dividindo os tweets entre essas cinco temáticas. Tomando por base o gráfico II, vamos à análise.



Com a temática I, banalidades, registramos 29 ocorrências. Consideramos tal abordagem como mero exercício poético, destituído de maiores intenções reflexivas e aprofundamento de conteúdo. A pura brincadeira com as palavras é a marca das 29 ocorrências dessa temática. Vamos a uma pequena amostragem.

“Tangerina é uma fruta didática. Não há como errar a divisão do gomo.” (CARPINEJAR, 2009)

“Por que os garçons nunca anotam o pedido da bebida?” (CARPINEJAR, 2009)

“Aprendi a dançar Axé chamando garçom.” (CARPINEJAR, 2009)

“Toda janela já foi espelho.” (CARPINEJAR, 2009)

“O celular virou telefone fixo. Passa a maior parte do seu tempo carregando.” (CARPINEJAR, 2014)

A banalidade dos conteúdos temáticos nos tweets selecionados é evidente, o que não deve ser confundido com pobreza poética, aproximando-os bastante da própria origem do Twitter, ou seja, responder às perguntas “O que você está fazendo agora” ou “Em que você está pensando agora”. Dos cinco destaques acima, o que mais poderia se aproximar do poético seria “Toda janela já foi espelho.”, onde encontramos um pouco de leveza no trabalho semântico. Em “Por que os garçons nunca anotam o pedido da bebida?” e “Aprendi a dançar Axé chamando garçom.”, ironia e deboche se misturam em rápidas cenas do cotidiano, enquanto em “O celular virou telefone fixo. Passa a maior parte do seu tempo carregando.”, o século XXI com um de seus mais fortes

símbolos de mercado, aparece também premiado com a ironia do autor. Podemos deduzir, no entanto, tratarem-se de experimentos poéticos na plataforma pelo fato de representarem pouco mais de sete por cento do total de tweets analisados.

Na temática II, reflexões sobre a vida, temos um registro bem maior de ocorrências, 121 tweets, correspondendo a quase metade do total. Percebemos claramente a presença, de maneira mais acentuada, do poeta Carpinejar, como autor consagrado em seus livros publicados como uma das boas vozes poéticas da atualidade. As imagens poéticas são mais maduras, bem como o aprofundamento temático que, neste caso, reflete sobre infância, felicidade, dor, velhice, morte, amizade entre tantos outros aspectos da vida humana. Vamos a um pequeno recorte dos tweets com essa temática.

“Quando se aposenta dos rios, o vento envelhece no deserto.”
(CARPINEJAR, 2009)

“Eu já me abandonei várias vezes. Deveria ter me mandado uma carta: Desculpe por não ter escrito antes.” (CARPINEJAR, 2009)

“Nosso corpo encolhe ao longo da vida de propósito. Para aceitar dar espaço.” (CARPINEJAR, 2009)

A “aposentadoria” dos rios no “envelhecimento” do deserto é uma bela metáfora do próprio ocaso da vida humana. A imagem inusitada tem ótimo efeito semântico, constituindo-se em fazer poético de qualidade. No segundo caso, outra reflexão, agora acerca do amor próprio e dos descaminhos da vida. Já o “encolhimento do corpo” fala sobre orgulho e humildade. Temos, como podemos ver, três exemplos de produção lírica, de questionamento filosófico-existencial.

“Desconhece-te a ti mesmo – antes que alguém te denuncie.”
(CARPINEJAR, 2009)

“Diante de um rio, eu me sinto possível. Diante do mar, acho que não terei tempo.” (CARPINEJAR, 2009)

“A felicidade nunca acontece na hora, ela vem depois, misturada com a saudade.” (CARPINEJAR, 2014)

A diversidade lírica dos temas continua. Em breve diálogo com o aforismo grego “Conhece-te a ti mesmo”, temos uma bem humorada desconstrução do original, que mostra, ao mesmo tempo o quanto não nos conhecemos, ou conhecemos errado, e a necessidade de desconstruir o errado para encontrar o verdadeiro. Outra imagem poética de inusitada beleza surge na oposição entre “rio” e “mar” como metáforas do possível e

impossível, respectivamente. A mistura entre felicidade e saudade também apresenta uma bela leveza poética ao refletir sobre o momento em que acontece a felicidade.

“Distorcer é uma mentira que usa a verdade.” (CARPINEJAR, 2014)
 “A felicidade de ter vivido sempre será superada pela tristeza da perda.” (CARPINEJAR, 2014)
 “Sempre duvido de minhas crenças para fortalecê-las.” (CARPINEJAR, 2014)

A reflexão lírica sobre a vida, como vimos, é a tônica dos tweets incluídos na temática II. Neles, Carpinejar deixa transparecer sua veia poética livremente e, como veremos adiante, mais próximo do próprio Carpinejar, poeta do livro impresso.

A temática III, reflexões sobre o amor, aparece em segundo lugar na quantidade de postagens, com um total de 91 tweets. A abordagem lírico-amorosa, uma das preferidas de Carpinejar em seus livros, também se destaca no Twitter. Acrescente-se que a temática amorosa é contemporânea, típica da sociedade atual, com sua diversidade e seus conflitos típicos de nossa sociedade de consumo. Vamos a alguns exemplos.

“Brigue e vá dormir com ela, quieto em seu canto. Não tente resolver nada. O delicioso é que o corpo firmará a paz antes mesmo das palavras.” (CARPINEJAR, 2009)
 “Adaptar-se é mudar com prazo de validade e logo voltar a ser o que era. Mudar mesmo é não lembrar de ter sido antes do amor.” (CARPINEJAR, 2009)

No primeiro tweet, as brigas, tão comuns na relação a dois, são o foco do “conselho” em deixar que o corpo use seus sentidos, o prazer, para curar as feridas das desavenças. No segundo, temos o ideal da relação amorosa como completude, a partir da mudança promovida pela relação com o outro.

“Sei que estou amando quando não volto mais ao passado desacompanhado.” (CARPINEJAR, 2009)
 “No amor, não sofremos por aquilo que aconteceu, mas adoecemos pelo futuro, por tudo o que não vai mais acontecer.” (CARPINEJAR, 2014)
 “Não se diminua na relação, senão nunca mais volta ao tamanho natural.” (CARPINEJAR, 2014)

Mais uma vez, as reflexões aprofundam a temática amorosa, com imagens semânticas audaciosas, como em “... quando não volto mais ao passado

desacompanhado.” ou em “sofrer não pelo que aconteceu, mas pelo que não vai mais acontecer.”, bem ao estilo Carpinejar de compor versos. Encerrando o ciclo acima, o “não se diminuir na relação” soa de novo como conselho aos futuros e atuais amantes, brincando semanticamente com o vocábulo diminuir, que pode ser lido tanto do ponto de vista denotativo quanto conotativo.

A temática IV, reflexões pessoais e memórias, traz o próprio Carpinejar como eu-lírico dos poemas, em uma espécie de autobiografia em tempo real. A qualidade das imagens permanece como a das temática II e III, embora sejam apenas 23 tweets com esse conteúdo. Vamos a eles.

“Depois das 15h, não tenho mais fome. Depois da 23h, não tenho mais fome. Sempre que me demoro para comer, a fome me sacia.” (CARPINEJAR, 2009)

“Nunca ninguém me disse: ‘Seu rosto não me parece estranho.’ Sempre me acharam estranho.” (CARPINEJAR, 2009)

“Nem dormindo fico quieto.” (CARPINEJAR, 2014)

O uso da primeira pessoa verbal aliado às referências pessoais demarca claramente o eu-lírico identificado com o próprio poeta. Há que se frisar o segundo tweet destacado, que referencia o rosto estranho do poeta e a brincadeira com ele próprio, lembrando Bandeira quando dizia que engoliu um piano e deixou as teclas de fora. Em lugar da auto-piedade, auto-ironia, humor com a própria condição. Há nesse grupo temático um conjunto de tweets bem interessante.

“Minha mãe remendava os rasgões das calças e das camisas no meu próprio corpo.” (CARPINEJAR, 2009)

“Colocava uma lâmpada para proteger a pele. Ou uma maçã.” (CARPINEJAR, 2009)

“O que me leva a concluir que meu corpo está costurado às lâmpadas e maçãs.” (CARPINEJAR, 2009)

São postagens distintas, mas claramente em sequência temporal, com uma forte imagem da infância, misto de memória e reflexão. Interessante notar, também, a inflexão poética, metafórica de “lâmpada” e “maçã”, com o “meu corpo está costurado às lâmpadas e maçãs.”, expressão que nos faz meditar sobre a costura: corpo formado pela luz e pelo alimento? Alimento do corpo, da poesia? Luz da poesia, do corpo? Todas as leituras soam possíveis.

Fechando essa abordagem geral, chegamos à temática V, Metapoesia. Temos aqui a menor ocorrência dentre todas. A reflexão sobre o próprio fazer poético merece poucos tweets, 16 ao todo, mas também mantém a qualidade das temáticas II, III, IV.

“O Twitter é um torpedo que a gente manda a si mesmo. E vai respondendo.” (CARPINEJAR, 2009)

“Um poeta que se dá bem com todo mundo está fazendo uma outra coisa que não poesia. Deveria estar trabalhando no Itamaraty.” (CARPINEJAR, 2009)

“Assim como a gente se arruma para sair, literatura é se arrumar por dentro. Deixar a solidão vistosa.” (CARPINEJAR, 2009)

Uma primeira referência ao próprio Twitter, fazendo comparação com o torpedo, mensagem instantânea no celular, traz a marca da atualidade e incorpora os elementos de nossa contemporaneidade tecnológica, o que, de novo, nos remete às respostas que orientam a plataforma Twitter: o que você está fazendo ou pensando agora. Nos outros dois casos, a reflexão é mais genérica, sobre a produção literária, sobre os motivadores do autor.

“Aviso de uma biblioteca pública no interior do RS: ‘Silêncio, escritores conversando.’” (CARPINEJAR, 2009)

“A gripe tem receio de perder suas metáforas. Vive escrevendo seus poemas súbitos em lenços de papel.” (CARPINEJAR, 2009)

“Roubar isqueiros e canetas bic não podem contabilizar como desonestidade, é obrigação poética levar adiante o fogo e a palavra.” (CARPINEJAR, 2014)

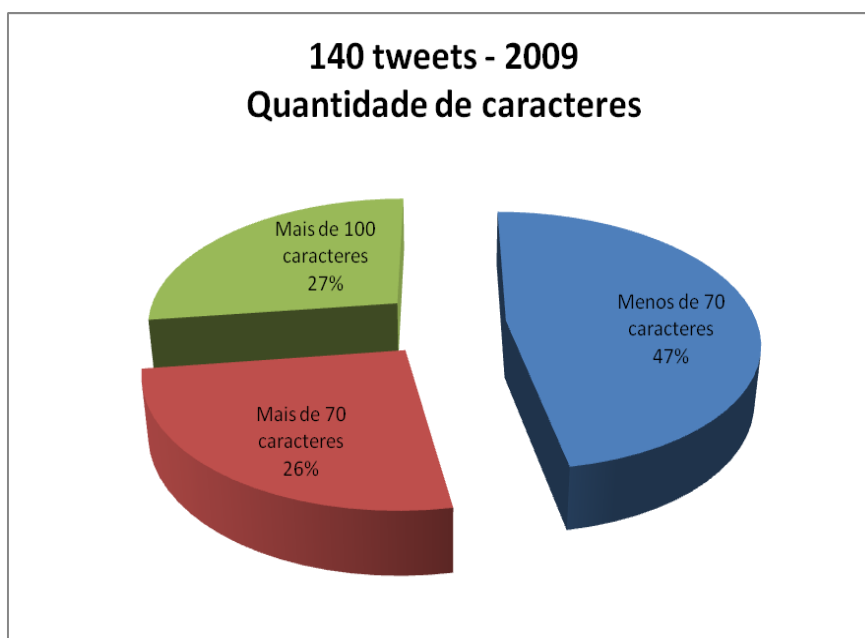
Aqui, as imagens inusitadas voltam com força total, voltadas ao processo de produção. “Escritores conversando no silêncio” apresenta o clima de concentração e quase santidade na biblioteca. Os dois tweets seguintes brincam com as imagens e as palavras, lembrando a obra de Manoel de Barros: a gripe como escritora, registrando suas metáforas em lenços de papel e o “roubo” de isqueiros e canetas como obrigação para o fogo e a palavra do poeta. A genialidade poética de Carpinejar se faz presente na construção dos poemas do Twitter.

Vamos agora fazer uma comparação entre os dois momentos escolhidos, ou seja, os 140 tweets de 2009 e os 140 de 2014. Terá havido alguma modificação nas estruturas usadas ou nos temas trabalhados? Para responder a estes questionamentos, a análise agora vai se reportar a cada um dos momentos separadamente.

- CARPINEJAR NO TWITTER – 140 tweets entre 21 de junho e 29 de julho de 2009.

Como já dissemos, 2009 foi o ano de estréia de Fabrício Carpinejar no Twitter, momento em que, praticamente, o espaço era apenas usado para a produção poética. O acesso a esse momento foi possível graças à publicação do livro www.twitter.com/carpinejar, da Bertran Brasil, 2009. Nele estão reunidos mais de 400 tweets postados no ano de publicação. Desses tweets, recolhemos os primeiros 140. Vale salientar que tanto na plataforma virtual quanto no livro citado, os tweets são datados, daí podermos falar em “primeiros”.

Da leitura e avaliação do material escolhido, pudemos destacar os principais aspectos estruturais e temáticos. Em termos quantitativos, chama à atenção a produção intensa: em um período de pouco mais de 01 mês, 140 tweets postados, o que talvez se explique pela novidade no uso do novo suporte para a poesia de Carpinejar. Pelo que veremos mais adiante, na análise dos tweets de 2014, outra possível explicação talvez esteja na utilização da rede social para divulgações de atividades diversas do escritor, tais como palestras, participação em programas de rádio e TV, entre outros. Vamos partir do gráfico III.



Estruturalmente, de um total de 140 postagens, 66 apresentam menos de 70 caracteres, enquanto 74 têm mais de 70 caracteres, sendo, destes, 38 acima de 100 caracteres. Percebemos que a divisão é bastante equilibrada, com muitas postagens

acima de 100 e mais da metade com mais de 70 caracteres. O predomínio de tweets maiores parece ter relação com, mais uma vez, a novidade da utilização da plataforma. O limite máximo de 140 caracteres parece surgir como um desafio a ser vencido, o que faz notar, pela amostragem, que Carpinejar naturalmente se adapta ao espaço limitado do novo suporte, visto que produz seus versos sempre em proporções menores que o limite máximo. Vale reiterar que apenas em uma única oportunidade o autor atingiu o limite máximo de 140 caracteres, em tweet postado em 29 de julho de 2009:

“Quando criança, disputava superstições. Se acertasse o papel no lixo, seria jogador de futebol. Virei escritor para treinar o tiro na cesta.” (CARPINEJAR, 2009)

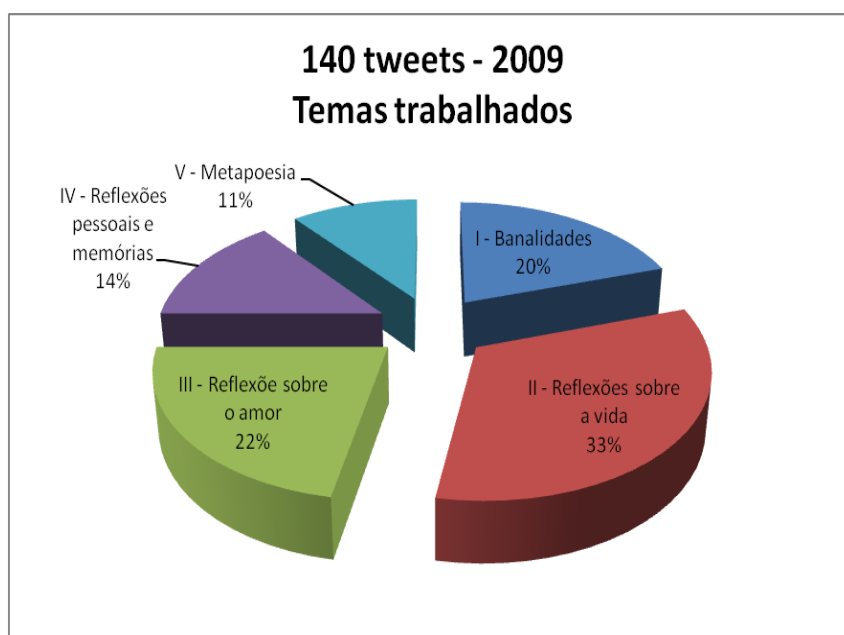
Note-se, mais uma vez, que a divisão em versos inexistente. As maiúsculas marcam apenas o início de período, como já destacado anteriormente. Em versos menores, a mesma ausência de marcadores de divisão de versos permanece, como nestes tweets de 23 de junho de 2009:

“O quintal é uma rua sem saída.” (CARPINEJAR, 2009)

“A rédea faz com que o cavalo nos controle.” (CARPINEJAR, 2009)

“Podemos chegar atrasados nas próprias lembranças.” (CARPINEJAR, 2009)

Para avaliar a divisão temática, vejamos o gráfico IV.



Percebemos que há uma divisão bem maior entre os vários tipos já destacados na análise geral. Em I, banalidades, temos 28 tweets. Em II, reflexões sobre a vida, são 46. Em III, reflexões sobre o amor, 31. Em IV, reflexões pessoais e memórias, 20. Finalmente em V, metapoesia, são 15 postagens. A maior distribuição temática sugere maior variedade de tentativas, o que se justifica plenamente pelo fato de o autor ainda estar tateando na plataforma e testando as possibilidades. Vejamos uma avaliação cruzando tamanho do tweet com abordagem temática.

Entre os tweets com mais de 100 caracteres, destacamos três postagens com a temática III.

“Na separação, descobrimos se foi amor ou investimento. No 1º, chora-se o tempo que não foi vivido. No 2º chora-se o tempo desperdiçado.” (CARPINEJAR, 2009)

“Os namorados disputam quem ama mais. Não percebem que a concorrência secreta vai separando, logo estarão questionando quem é o melhor.” (CARPINEJAR, 2009)

“Nunca conseguimos explicar o motivo de estar amando. Sempre explicamos fácil o motivo da separação. Amar deve ser uma sábia ignorância.” (CARPINEJAR, 2009)

No primeiro caso, a separação fica em destaque, com o tamanho do verso contribuindo para o aprofundamento temático. No segundo tweet, a separação é tratada em seu momento de construção, soando como uma espécie de conselho a quem ainda não se separou. O terceiro tweet reflete tanto sobre o amor quanto sobre a separação, também com espaço suficiente para desenvolver a reflexão.

Vejamos, agora, dois tweets com a temática II, reflexões sobre a vida.

“Diante de perguntas sobre preferências musicais, quando alguém responde que tem um ‘gosto eclético’ quer dizer que não tem gosto nenhum.” (CARPINEJAR, 2009)

“O passado é feito para o improviso, puxar uma lembrança e encontrar outra. Ao procurar um livro, passamos a ler toda a estante novamente.” (CARPINEJAR, 2009)

Na primeira postagem, há, praticamente, um texto dissertativo, no desenvolvimento de uma “tese” sobre gosto musical. No segundo tweet, já aparece um teor mais filosófico, ao tratar o tema das lembranças. É de se notar que, nos tweets que ultrapassam 100 caracteres, como os aqui destacados, os textos perdem em força poética, no trabalho com as metáforas, aproximam-se mais de simples aforismos.

Vamos, agora, para cinco exemplos com menos de 40 caracteres. Com a temática I, banalidades, três exemplos:

“O quintal é uma rua sem saída.” (CARPINEJAR, 2009)

“Na noite quem é sóbrio sobra.” (CARPINEJAR, 2009)

“Toda janela já foi espelho.” (CARPINEJAR, 2009)

O aspecto experimental se destaca, com imagens curtas em frase nominais. Outra vez percebemos certa influência da poesia de Manoel Barros, com o querer tratar a poesia com a temática do inútil e o jogo semântico das imagens e algumas brincadeiras sonoras como “sóbrio” x “sobra”.

Em IV, reflexões pessoais e memórias:

“Desertando, abro guerra comigo.” (CARPINEJAR, 2009)

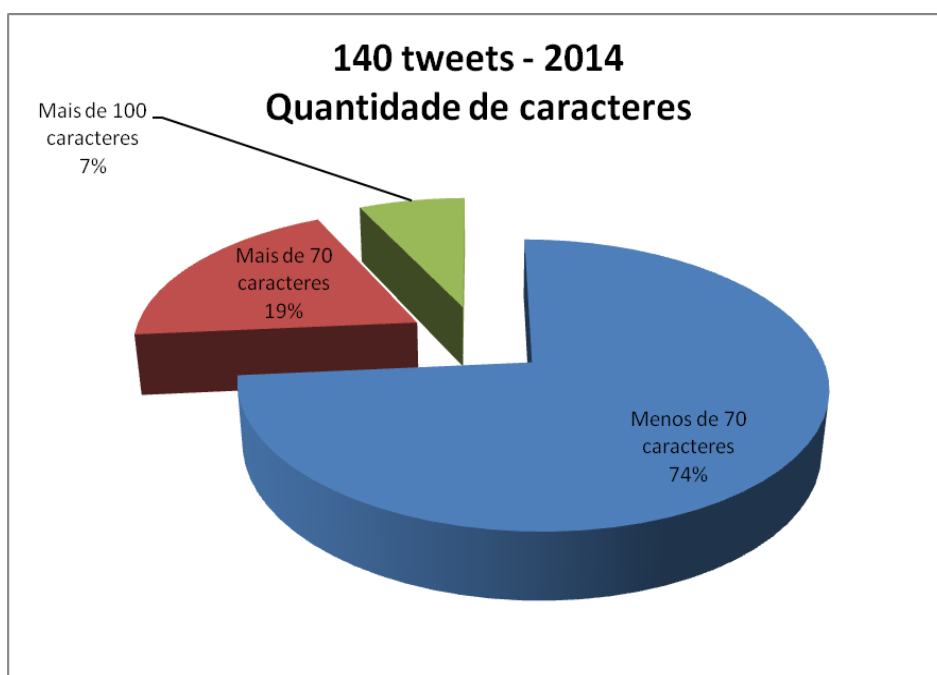
“Sou ocupado de distrações.” (CARPINEJAR, 2009)

O caráter confessional é forte, pois se percebe que o poeta se desnuda nos tweets, reforçando seu caráter inquieto diante da vida. Em ambos os tweets destacados, há um paradoxo proposital, resultado do trabalho poético com a semântica: “Desertar, fugir da guerra” x “começar outra guerra” e “ocupado” x “distraído. Quando analisamos os tweets menores, percebemos que, diferentemente dos maiores, a poesia postada tem mais força, mais densidade poética, o que os aproxima da poesia do próprio Carpinejar em seus livros já publicados.

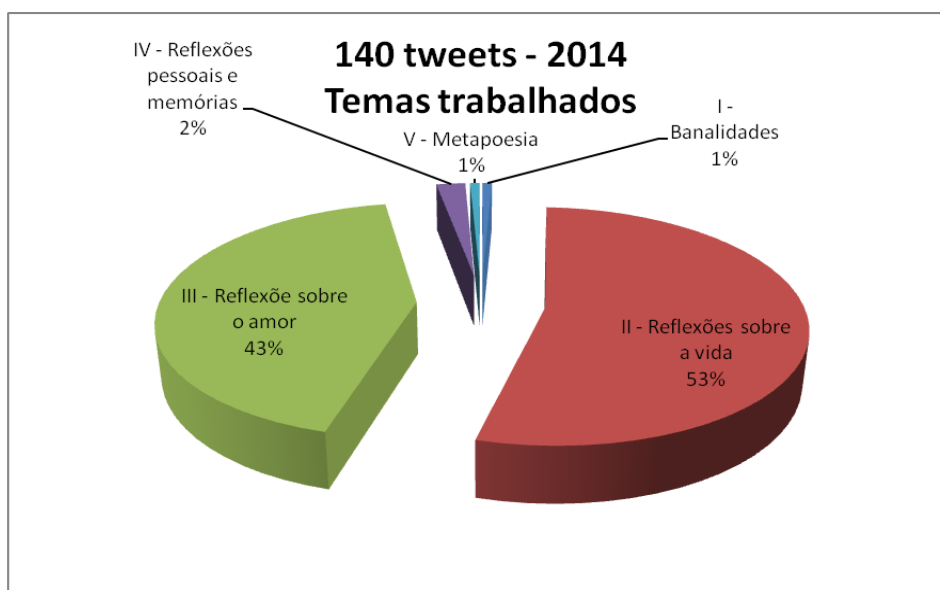
- CARPINEJAR NO TWITTER – 140 tweets entre 12 de abril e 15 de agosto de 2014.

Passados cinco anos da estréia no Twitter, encontramos Carpinejar ainda produzindo poemas diretamente na rede. A periodicidade com que publica seus tweets poéticos, no entanto, se torna mais espaçada: as 140 postagens do Twitter de nossa amostra em 2014 foi produzida em pouco mais de quatro meses, quatro vez mais tempo que em 2009. Ao lado dos tweets poéticos, a maior parte das postagens da plataforma é utilizada para a divulgação das inúmeras atividades de Carpinejar. No estágio atual de sua conta no Twitter, o poeta diferencia graficamente os tweets poéticos dos demais, de divulgação das atividades.

A estrutura dos tweets muda sensivelmente em relação a 2009. Dos 140 selecionados, apenas 10 contêm mais de 100 caracteres; 37, mais de 70; e a imensa maioria, 103 exatamente, apresenta menos de 70 caracteres. Já ambientado na plataforma virtual, Carpinejar não demonstra mais a necessidade de se aproximar do limite máximo permitido e produz seus poemas apenas pela impulsão criativa. Nesse sentido, aproxima-se, definitivamente de sua produção em livro. É uma mudança significativa quando comparamos o gráfico III (pag. 47) com o gráfico V:



Quanto à temática, concentra-se, agora, quase que de forma exclusiva, nas reflexões sobre a vida e sobre o amor: do total de 140 tweets, 135 dividem-se entre essas duas temáticas, mais uma vez aproximando a produção virtual da produção impressa. Os outros temas juntos mereceram apenas 05. Veja-se o gráfico VI:



Destacamos alguns para análise.

O tapa é o aplauso do ciúme. (CARPINEJAR, 2014)

Em apenas 28 caracteres, somando-se os espaços, temos a densidade poética que une humor e lirismo: a brevidade como gota poética para refletir sobre uma das facetas do amor, o ciúme.

“Ternura é humildade.” (CARPINEJAR, 2014)

Ainda mais condensado, temos um tweet com mínimos 19 caracteres, formando uma frase nominal assim como a anterior. Refletindo sobre sentimentos, sobre a vida, o poema faz pensar sobre o agir entre os seres.

“Palavra não tem ré.” (CARPINEJAR, 2014)

Outro tweet com apenas 19 caracteres. Repete-se a temática da reflexão sobre a vida, agora condensando ainda mais o provérbio chinês: “Há três coisas que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida.”, embora com o tom da modernidade na referência à ré.

“Toda vingança é vulgar.” (CARPINEJAR, 2014)

Em mais uma frase nominal, 23 caracteres trazem outra reflexão sobre um sentimento que o homem vive ou enfrenta alguma vez na vida: a vingança. Na visão do poeta, a vulgaridade é sua marca, o que a torna condenável.

“Nem dormindo fico quieto.” (CARPINEJAR, 2014)

Aqui temos um dos raríssimos tweets de 2014 com a temática da reflexão pessoal, confessional. 24 caracteres.

A impressão que vai ficando no leitor dos tweets é a de estar lendo um longo poema fragmentado e com temáticas aleatórias que discutem os dramas do ser humano. Além disso, o caráter nominal acentua-se bastante. Nas postagens da temática amorosa é bem perceptível tal marca:

“O amor é o fracasso do conselho do amigo.” (CARPINEJAR, 2014)

“É avareza no amor não fazer nem promessas.” (CARPINEJAR, 2014)

“O amor é uma descrição iluminada.” (CARPINEJAR, 2014)

“O amor é a arte do desencontro por dentro.” (CARPINEJAR, 2014)

Podemos concluir, partindo da comparação entre os dois momentos analisados dos tweets de Carpinejar, que ele evolui nitidamente para uma poesia mais breve, do ponto de vista estrutural, bem como concentra toda a produção em reflexões sobre a vida e o amor. Nota-se, também, o aumento do intervalo do tempo entre as postagens, diferenciadas, em relação às não poéticas, pela utilização de fontes diferentes.

O passo seguinte será compararmos a produção no Twitter com a poesia publicada em livros. A intenção será verificar se efetivamente temos um Carpinejar, por assim dizer “virtual” e outro Carpinejar “impresso”.

POESIA NO TWITTER x POESIA EM LIVRO

Ao fazermos a comparação entre os textos de Carpinejar em sua forma impressa e o ambiente do Twitter, em que pese a necessidade de concisão, típica da plataforma virtual, pudemos perceber várias semelhanças, principalmente entre os poemas em livro e a produção mais atual no Twitter, em 2014. A estrutura de versificação é bem semelhante no que concerne à preferência por versos curtos, leves, redundando numa poesia marcada pela brevidade. Até em textos de estruturas maiores, como o Novíssimo Testamento, em *Biografia de uma árvore*, Carpinejar usa uma série de tópicos, como já visto, nos quais há independência semântica, mas juntos compõem uma unidade, o que é claramente denotado pelo uso das orações coordenadas. No ambiente virtual do Twitter, as postagens, ou tweets, concentram carga semântica individual, mas poderiam ser perfeitamente combinadas em grupos temáticos, do mesmo jeito que os textos dos livros impressos poderiam ser desmembrados.

Com relação a essa regularidade:

A forma do poema, quando vista nas suas constantes (nomes concretos, figuras, recorrências de som...) talvez seja uma sobrevivência de esquemas corporais antiquíssimos. O que já exerceu uma função coesiva nas comunidades arcaicas reproduz-se, com funções análogas, no produto poético individual. Os cantos sagrados eram emissões da voz e do corpo inteiro em que se repetiam e alternavam expressões de encantamento, fusão afetiva com a comunidade, aleluia ou esconjuro. A comunidade era possuída pela voz e pelo gesto com que impetrava as forças divinas espalhadas pela Natureza. Na poesia, esse movimento sobrevive na dinâmica da forma que realiza exercícios de analogia entre os seres (pela metáfora) ou de contigüidade (pela metonímia). E a dança em círculo cumpre-se no eterno retorno ao ritmo. (BOSI, 1983, p. 122)

Essa possível regularidade primitiva da poesia exposta por BOSI parece-nos ser o elemento que aproxima as duas plataformas, impressa e virtual, em Carpinejar, posto que entre a entrada no Twitter em 2009 até os textos analisados por nós em 2014, o poeta gaúcho sai de uma tentativa de adaptação ao ambiente virtual para uma clara continuidade de estruturas típicas de sua poesia, tais como o trabalho intenso com as metáforas e metonímias e a versificação breve. Já com o domínio do Twitter, Carpinejar volta a ser Carpinejar, com bastante naturalidade, recobrando a regularidade de sua obra impressa. Neste ponto, podemos já perceber que o suporte

onde é feito o poema pouco interfere nas características da obra do autor, ao menos é o que pudemos vislumbrar em Carpinejar. Ao trocar a produção manuscrita ou no computador para impressão pela produção em tempo real na internet, não nos parece ser um novo autor que surge.

Do ponto de vista temático, o aspecto lírico une as duas produções. Como poeta do século XXI, Carpinejar consegue bem traduzir as inquietações de nosso mundo atual, numa lírica marcada por reflexões profundas da alma humana. Neste sentido, a essência da lírica é conservada:

A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela. É isso o que se deve esperar, e até a mais simples reflexão caminha nesse sentido. Pois o teor [Gehalt] de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal. (ADORNO, 2012, p. 66)

Carpinejar faz uma poesia na qual a marca de confiança e expressão do eu é altíssima, mas o faz de uma maneira, como nos diz ADORNO, que se situa exatamente no limite entre o mero pessoal e o sentimento que diz respeito a todo ser humano. Já nos temas escolhidos como infância, maturidade, velhice, relações familiares, amor, essa marca temática da poesia é a tônica de suas composições.

Na obra impressa, todo o caminho da vida do ser humano é trilhado, bem como os tempos: presente, passado e futuro. Quando olhamos para a produção no Twitter, essa mesma preocupação acontece e vai se aprofundando, como vimos na comparação entre os tweets de 2009 e os de 2014, só espalhada entre os vários tweets, sem uma preocupação sequencial. Para que se possamos visualizar essa presença temática constante, façamos um breve comparativo de um trecho do Novíssimo Testamento, obra impressa, e alguns tweets de 2104.

compreender sem concordar,
combinar encontros e desencontrar-se consigo no meio do trajeto,
desistir de compor o diário porque não existe segredo quando escrito,
anotar na agenda as reuniões que não quero ir,
apiedar-se da vocação fúnebre do guarda-chuva,
falir na memória preservando a imaginação,
acautelar-se das paredes velhas, o cimento armado,
carregar o sobretudo como uma garrafa vazia,
comemorar o que desconhecemos um do outro. (CARPINEJAR, 2002, p. 25)

Acima, os versos finais de *Novíssimo Testamento*, do livro *Biografia de uma árvore* mostram o desenvolver lírico do poema. Como é muito evidente, as orações coordenadas, por óbvio, somam reflexões cujo centro é o infinitivo dos verbos. Se fizermos um exercício de imaginação, cada um dos versos poderia transferir-se para o Twitter, em momentos distintos, seguindo a mesma sequência acima ou não. Cada verso, neste caso, seria um tweet, uma postagem na plataforma virtual, já que o verso maior do trecho destacado, “*desistir de compor o diário porque não existe segredo quando escrito*”, contém apenas sessenta e oito caracteres, ou seja, menos da metade do limite do Twitter, o que mais uma vez nos mostra que o poeta Gaúcho sente-se bastante à vontade com a brevidade em sua poesia. Quando vamos ao Twitter, temos três tweets de 2014:

“A felicidade nunca acontece na hora, ela vem depois, misturada com a saudade.” (12.04.2014)

“Feliz daquele que se deslumbra com a própria rotina.” (17.04.2014)

“A burrice não conhece o desencanto.” (18.04.2014)

Quanto à brevidade, não há o que discutir, já quando nos atemos ao aspecto temático, vemos três poemas-verso, em sequência cronológica na plataforma, que soam como variações acerca do mesmo tema: a felicidade. No ambiente do Twitter, são poemas isolados, “pílulas” poéticas depositadas aleatoriamente. Fazendo o exercício de imaginação contrário ao que fizemos com o trecho de *Novíssimo Testamento*, poderíamos imaginar um único poema de três versos, necessitando, para tanto, apenas colocá-los juntos e acrescentar um título. Perceba que o processo de produção, tanto no exemplo do livro quanto nos tweets é basicamente o mesmo, bem como a temática da reflexão sobre aspectos gerais da vida. E é nesse aspecto lírico no impresso e no virtual da poesia que encontramos o que nos diz ADORNO:

Costuma-se dizer que um poema lírico perfeito tem de possuir totalidade ou universalidade, tem de oferecer, em sua limitação, o todo; em sua finitude, o infinito. Se isso for algo mais que um lugar-comum daquela estética que tem sempre à mão, como panacéia universal o conceito do simbólico, então isso mostra que em cada poema lírico devem ser encontrados, no médium do espírito subjetivo que se volta sobre si mesmo, os sedimentos da relação histórica do sujeito com a objetividade, do indivíduo com a sociedade. Esse processo de sedimentação será tanto mais perfeito quanto menos a composição lírica tematizar a relação entre o eu e a sociedade, quanto mais involuntariamente essa relação for cristalizada, a partir de si mesma, no poema. (ADORNO, 2012, p. 72)

Em Carpinejar, parece-nos que este equilíbrio entre o pessoal e o coletivo, o “médium do espírito subjetivo”, se estabelece de maneira bem acentuada. A fugacidade das relações amorosas, as angústias da vida do ser humano, a convivência com a morte, o cotidiano do mundo contemporâneo com a superficialidade da sociedade de consumo, enfim, os temas que afligem o homem da atualidade no seu íntimo e nas suas relações sociais desfilam na obra do poeta gaúcho com a mesma intensidade e onipresença, tanto no conjunto dos livros já publicados quanto nas postagens virtuais e, em cada verso, podemos notar a presença do indivíduo, do cidadão Carpinejar, sempre junto com os sentimentos, apreensões e reflexões comuns a toda a humanidade. E vem, então, mais uma vez a marca da contemporaneidade.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar. (AGAMBEN, 2009, p.65)

O aspecto contemporâneo em Fabrício Carpinejar, do ponto de vista temático, é justamente essa capacidade de “olhar o escuro da época”, penetrando os meandros de nossas reflexões. Em trechos do Twitter como “*A sinceridade não melhora o passado*” e “*Para que descobrir se posso inventar?*” ou ainda “*A dor consome todo tempo, principalmente o tempo que você poderia encontrar uma nova alegria.*”, ele nos coloca diante das grandes indagações de nossa existência e, ao utilizar um suporte completamente contemporâneo nosso como o Twitter, arrisca-se a levar sua poesia para um campo estranho até então, com todas as dúvidas e inquietações que isso possa causar a ele, como autor, e a nós, como leitores, acostumados que estamos ao suporte do livro impresso. Em seu compromisso com o presente, Carpinejar nos leva ao futuro e ao passado, faltando a esse mesmo presente por estar preocupado em nos guiar por suas indagações, daí porque ele mesmo afirmar em um de seus tweets: “*Só me atraso quando saio com muita antecedência.*”.

CONCLUSÃO

Poesia em tempos de Twitter é ainda e sempre POESIA. A partir da visão panorâmica sobre a obra poética de Fabrício Carpinejar, compreende-se que a diferença que separa a produção impressa da obra virtual limita-se ao suporte utilizado. Ao fim e ao cabo, ressaltadas as diferenciações de caracteres no Twitter, bem como a limitação de texto imposta pela rede social em seus cento e quarenta caracteres, o que se destaca em toda a obra de Carpinejar é o mesmo sentido poético, como já exaustivamente repetido por nós, de reflexão sobre os diversos aspectos humanos, se fosse reproduzida em papíros, a poesia dele seria a mesma, inclusive do ponto de vista estrutural. Alguns aspectos, no entanto, merecem ser destacados, após as análises feitas.

As relações entre a técnica e a poesia são de uma ordem particular: por um lado, a poesia tende a utilizar, como todas as outras artes, os recursos da técnica, especialmente na área dos meios de comunicação: rádio, televisão, discos, cinema etc.; por outro lado, tem de enfrentar a negação da imagem do mundo. No primeiro aspecto, a poesia se apóia na técnica; no segundo, opõe-se a ela. (PAZ, 2012, p. 322)

A partir do momento em que surgem novos meios de difusão da arte, esta se apropria deles e a eles se adapta. Ao levar produção poética ao Twitter, Carpinejar nada mais faz que continuar sua produção poética essencial, com a diferença de que escreve “on line”, o que não significa que não haja um trabalho elaboração e reelaboração do texto antes da postagem no mundo virtual. Nesse sentido, a diferença seria o processo de permanência, isto é, a não existência de um material impresso para a posteridade, sendo sua guarda e manutenção apenas no meio eletrônico. Tais questões e diferenças nos parecem secundárias quando pensamos no texto poético em sua essência, pois se não há uma diferença acentuada de forma e conteúdo, como no caso de Carpinejar, não se pode dizer que haja um, por assim dizer, novo tipo de poesia. Sobre isso, convém, ainda uma vez, pensar como PAZ:

Nada impede que o poeta se sirva de um *computer* para escolher e combinar as palavras que irão constituir o seu poema. O *computer* não suprime o poeta, como não o suprimem os dicionários de rima nem os tratados de retórica. O poema do *computer* é resultado de um procedimento mecânico análogo às operações mentais e verbais realizadas por um cortesão do século XVII para escrever um soneto ou por um japonês do mesmo século para compor, com um grupo de amigos, esses poemas coletivos chamados *haikai no renga*.(PAZ, 2012, p. 323)

Tudo que é feito do ponto de vista estritamente textual - excetuando-se aqui a poesia digital, que trabalha as letras e palavras como imagem, aproximando-as das artes plásticas – pode mudar, e tem mudado ao longo do tempo, em sua estrutura sintática ou poética, isto é, variar tipos de orações, vocabulário, conectivos, tipos de verso, de rima etc., mas tais modificações ocorrem independentemente do suporte em que estejam. Seja poesia na forma oral, no manuscrito, no computador como meio de digitação para posterior impressão ou seja na publicação na internet.

No caso do Twitter, o maior diferencial é o limite dos cento e quarenta caracteres, que força o poeta que se aventura a nele publicar a trabalhar com mais brevidade. No caso de Carpinejar, como vimos, a adaptação ao Twitter se deu sem maiores dificuldades pelo próprio caráter breve de sua poesia.

Fabrício Carpinejar é um poeta, um artista em intensa comunicação com o mundo, seja através de sua obra poética ou em prosa, seja através de diversas atividades tais como entrevistas, debates, etc. Como poeta, Carpinejar se comunica com seus leitores por seus livros impresso e descobriu o caminho da Internet, através de um blog, uma conta no Facebook e outra no Twitter.

No Twitter, primeiro veio a experimentação de escrever poesia em tempo real, se é que se pode afirmar isso, e depois uma maneira de divulgação de suas atividades. No campo específico da poesia, os tweets poéticos, os poemas-verso mantêm a função e a essência da produção poética.

A comunicação da obra não está no fato de que ela tornou-se comunicável, pela leitura, a um leitor. A própria obra é comunicação, intimidade em luta entre a exigência de ler e a exigência de escrever, entre a medida da obra que tende para a impossibilidade, entre a forma onde ela se apreende e o ilimitado onde ela se recusa, entre a decisão que é o ser do começo e a indecisão que é o ser do recomeço. (...) Ler não é, portanto, obter comunicação da obra, é ‘fazer’ com que a obra se comunique e, para empregar uma imagem faltosa, é ser um dos dois pólos entre os quais jorra, por mútua atração e repulsa, a violência esclarecedora da comunicação, entre os quais passa esse evento e que ele constitui por essa mesma passagem. (BLANCHOT 2011, p. 215)

Ao aventurar-se pelo terreno desconhecido do Twitter e para ele levar sua poesia, Carpinejar vai responder ao “O que você está fazendo agora?” ou mais exatamente ao “O que você está pensando agora?”. O interessante é que arte, em sua essência, e dentro dela a poesia, sempre procurou responder a esta última pergunta, o que nos permitiria reescrevê-la para “passear” pela obra dos grandes poetas, acrescentando-lhe vocativos: “O que você está pensando agora, Homero, Virgílio, Rimbaud, Verlaine, Yeats, Camões, Pessoa, Castro, Bandeira, Drummond, Cabral...?” Críticos, leitores, amantes da Literatura, ao longo dos séculos, vêm procurando as várias respostas a esse desafio, no imenso Twitter que é a Literatura universal... As tecnologias de Informação e comunicação podem até ter acentuado o processo de comunicação entre as pessoas, mas no campo da literatura, a comunicação entre autor e leitor se dá sempre que um livro é aberto ou, se for o caso, um computador é ligado, e essa comunicação ultrapassa o tempo e as culturas.

A arte e a poesia são inseparáveis de nosso destino terreno: houve arte desde que o homem existe e haverá arte até que o homem desapareça. Mas nossas ideias sobre o que é a arte são tantas e tão diversas, da visão mágica do primitivo aos manifestos do surrealismo, quanto as sociedades e as civilizações. (PAZ, 2013, p. 154)

Existe essa tal de “Twitteratura”? Se quisermos uma simples nomenclatura para o que é produzido no Twitter, sim! Se, no entanto, quisermos entender tal termo como uma nova espécie de texto poético, distinta da produção tradicional em meios impressos, a resposta é não. Mesmo a ideia distintiva de que a poesia postada no Twitter é feita na hora, “*on line*”, resta bastante duvidosa. O que temos, na verdade, e isso pôde

ser comprovado na produção de Fabrício Carpinejar, é a utilização de uma nova ferramenta, o Twitter, como suporte para produção poética e, por extensão, qualquer forma artística que se aventure nesse espaço. Vale salientar, ainda, que, pela leitura que fizemos na conta de Carpinejar no Twitter após o último período analisado em nossa pesquisa, paulatinamente ela vai sendo utilizada mais como espaço de divulgação do que propriamente como suporte à produção poética, a qual, deve se dizer, começa a se tornar mais esparsa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W., **Notas de Literatura I**. [tradução: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. 176 p.
- AFP - Agence France-Presse, **A hiperbreve 'twitteratura' seduz cada vez mais os escritores**. Publicação: 16. Abr. 2013. Disponível em < http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/04/16/interna_tecnologia,434495/a-hiperbreve-twitteratura-seduz-cada-vez-mais-os-escritores.shtml >, acesso em 17 maio 2013.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. [tradução: Vinícius Nicastro Honesko]. Chapecó – SC: Argos, 2009. 92 p.
- ANTONIO, Jorge Luiz. Alguns Aspectos da Poesia Digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO XXIV, 2001. Campo Grande-MS.
- _____, **Poesia digital: negociações com os processos digitais: teoria, história, antologias**. São Paulo: Navegar Editora; Columbus, Ohio, EUA: Luna Bionde Prods; FAPESP, 2010. Livro e DVD. Edição: português.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 447 p
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário** [tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 385 p.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983. 220 p.
- BRASIL, Alex. Sítio da internet: < www.twitter.com/poesiasmoveis >, acesso em 17 setembro 2013.
- CARPINEJAR, Fabrício. **www.twitter.com/carpinejar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 84 p
- _____, **Biografia de uma árvore. Poemas abandonados**. São Paulo: Escrituras, 2002. 70 p
- _____, sítio da internet:< www.twitter.com/carpinejar >, acesso em 17 setembro 2013.
- CASTELLO, José. Dez Elegias impecáveis para nos reconciliar com a poesia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 03 Fev. 2002. Caderno 2/Cultura, p. 2.
- _____, Os melhores erros do poeta gaúcho Fabrício Carpinejar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25. ago. 2002. Caderno Domingo, p. 3.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. [tradução: Vinícius Fulvia M.L. Moretto]. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 125 p.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 240 p.
- FREIRE, Marcelino. Feira de Sapatos. **Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 08. Nov. 2003. Caderno Cultura, p. 4.
- GIRON, Luís Antônio. Poeta de pés curtos. **Revista Época**, São Paulo, abril de 2004. Seção Livros, p. 57.

- MONTEIRO, Fernando. Uma voz que vem do Sul. **Estado de Curitiba**. jun. 2001. Curitiba, Suplemento Rascunho, p. 1.
- MOSCOVICH, Cíntia. O Poeta que demitiu Deus. **Jornal Zero Hora**. Porto Alegre. 10. set. 2002. Caderno Cultura, p.4.
- PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. [tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht]. São Paulo: Casac Naify, 2012. 352 p.
- _____. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. [tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht]. São Paulo: Casac Naify, 2013. 192 p.
- RECUERO, Raquel. **As Redes Sociais na Internet**. 2ª Ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura). 280 p.
- RISÉRIO, Antônio. Ensaio sobre o texto poético em contexto digital. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. COPENE, 1998. 210 p.
- SANTAELLA, Lúcia. **Redes sociais digitais: a cognição do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Comunicação. 370 p.
- _____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção comunicação). 376 p.

ANEXO A

TWEETS – CARPINEJAR

2009 - 140 tweets – 21.06.2009 A 29.07.2009

- 01-“Tangerina é uma fruta didática. Não há como errar a divisão do gomo.” (21.06.2009)
- 02-“Quando se aposenta dos rios, o vento envelhece no deserto.” (21.06.2009)
- 03- “Restaurante chique não sabe improvisar.” (21.06.2009)
- 04-“As reticências são latifúndios improdutivos.” (22.06.2009)
- 05- “O chato, o fanático e o idiota entendem de amor. Não são recompensados.” (22.06.2009)
- 06-“O porão é a parte da casa que jogamos fora.” (22.06.2009)
- 07- “Quando chamo alguém de ingrato estou sendo ainda mais ingrato. Cobro um favor que já foi dado.” (22.06.2009)
- 08-“Depois das 15h, não tenho mais fome. Depois da 23h, não tenho mais fome. Sempre que me demoro para comer, a fome me sacia.” (22.06.2009)
- 09- “O Twitter é um torpedo que a gente manda a si mesmo. E vai respondendo.” (22.06.2009)
- 10-“Quem não lê dificilmente aprende a ficar quieto.” (23.06.2009)
- 11- “O quintal é uma rua sem saída.” (23.06.2009)
- 12-“Se a criança pede – infelizmente – licença para ler, o adulto tardiamente alfabetizado é obrigado a pedir desculpa.” (23.06.2009)
- 13- “A rédea faz com que o cavalo nos controle.”. (23.06.2009)
- 14- “Eu já me abandonei várias vezes. Deveria ter me mandado uma carta: Desculpe por não ter escrito antes.” (23.06.2009)
- 15- “Uma estante não tem portas para que a gente possa arrancar mais facilmente o livro dali.” (23.06.2009)
- 16-“Podemos chegar atrasados nas próprias lembranças.” (23.06.2009)
- 17- “Brigue e vá dormir com ela, quieto em seu canto. Não tente resolver nada. O delicioso é que o corpo firmará a paz antes mesmo das palavras.” (23.06.2009)
- 18-“Adaptar-se é mudar com prazo de validade e logo voltar a ser o que era. Mudar mesmo é não lembrar de ter sido antes do amor.” (23.06.2009)

- 19- “O quarto depende da dignidade de um corredor para curar um pesadelo.” (23.06.2009)
- 20- “A vida amorosa do homem começa quando ele leva um fora de sua mãe.” (23.06.2009)
- 21- “Democracia no amor é não escolher nem o que se quer nem o que ela quer. É ir aonde não se iria sozinho.” (23.06.2009)
- 22- “Não sei se Twitter é literatura, mas é ótimo para treinar epitáfios.” (23.06.2009)
- 23- “O que não mata não foi devidamente revisado.” (23.06.2009)
- 24- “A saudade é a única mentirosa em que acredito.” (23.06.2009)
- 25- “O homem que não sabe rir de si mesmo não vai sair de uma dor de cotovelo.” (25.06.2009)
- 26- “Um poeta que se dá bem com todo mundo está fazendo uma outra coisa que não poesia. Deveria estar trabalhando no Itamaraty.” (25.06.2009)
- 27- “A falta de lugar é o que faz escrever. Não é o lugar. Se você tem um lugar, você não vai escrever. Escrever é procurar um lugar.” (25.06.2009)
- 28- “A paternidade é uma paciência consigo mais do que com os filhos.” (25.06.2009)
- 29- “O que o filho mais pede é a sequência. Que aquela história que você leu no dia anterior tenha sentido no dia seguinte.” (25.06.2009)
- 30- “Nosso corpo encolhe ao longo da vida de propósito. Para aceitar dar espaço.” (25.06.2009)
- 31- “Só amo por encomenda, mas costumo ficar com a entrega.” (25.06.2009)
- 32- “Assim como a gente se arruma para sair, literatura é se arrumar por dentro. Deixar a solidão vistosa.” (27.06.2009)
- 33- “Nunca ninguém me disse: ‘Seu rosto não me parece estranho.’ Sempre me acharam estranho.” (27.06.2009)
- 34- “Quero uma mulher que seja uma puta na sociedade e uma dama na cama.” (27.06.2009)
- 35- “Por que os garçons nunca anotam o pedido da bebida?” (30.06.2009)
- 36- “O bom de pescar com lança é que apanhamos, além do peixe, a sombra do peixe.” (30.06.2009)
- 37- “Humildade é uma ambição para baixo.” (30.06.2009)
- 38- “Meus dentes são tortos. Esse é o meu método. Mastigo as palavras. Vou falando sozinho até ser ouvido.” (30.06.2009)

- 39- “Com a internet, o livro ganhou um amigo imaginário. Antes ficava tão sozinho, sem ninguém para brincar.” (30.06.2009)
- 40- “Aviso de uma biblioteca pública no interior do RS: ‘Silêncio, escritores conversando.’” (30.06.2009)
- 41- “Aviso de uma placa – apagada – dentro de ônibus: ‘Converse com o motorista somente o dispensável’.” (30.06.2009)
- 42- “O que me leva a concluir que meu corpo está costurado às lâmpadas e maçãs.” (03.07.2009)
- 43- “Colocava uma lâmpada para proteger a pele. Ou uma maçã.” (03.07.2009)
- 44- “Minha mãe remendava os rasgões das calças e das camisas no meu próprio corpo.” (03.07.2009)
- 45- “Eu pouco ouvi meu nome de tantos apelidos que recebi.” (06.07.2009)
- 46- “Sou ocupado de distrações.” (06.07.2009)
- 47- “Maldição ser filho de escritores. Depois de adulto, vivem puxando as orelhas de meus livros.” (06.07.2009)
- 48- “Geraldo sabia do valor das coisas desimportantes: por exemplo, como se tira o amarelo das teclas do piano. Somos o que ninguém perguntou.” (06.07.2009)
- 49- “Filho de peixinho, oceano é.” (07.07.2009)
- 50- “Cheguei atrasado para a chuva.” (07.07.2009)
- 51- “Desliga o som do carro, ela disse. Gosto de escutar as rodas na água.” (07.07.2009)
- 52- “Na separação, descobrimos se foi amor ou investimento. No 1º, chora-se o tempo que não foi vivido. No 2º chora-se o tempo desperdiçado.” (07.07.2009)
- 53- “Na noite quem é sóbrio sobra.” (07.07.2009)
- 54- “Mulheres deprimidas são mais bonitas. Descobriram que nada envelhece mais do que a dor.” (07.07.2009)
- 55- “Sei que estou amando quando não volto mais ao passado desacompanhado.” (08.07.2009)
- 56- “Solidão é não ter mais amigo para fazer churrasco.” (09.07.2009)
- 57- “Cócega é quando o corpo conta a piada.” (09.07.2009)
- 58- “A gripe tem receio de perder suas metáforas. Vive escrevendo seus poemas súbitos em lenços de papel.” (10.07.2009)
- 59- “Ninfomaníaca: uma tarada rica. Tarada: uma ninfomaníaca pobre.” (14.07.2009)
- 60- “O gato é um passarinho que engoliu as asas, por isso salta tão alto.” (16.07.2009)
- 61- “A beleza põe a mesa, faço a cama.” (16.07.2009)

- 62- “Desconhece-te a ti mesmo – antes que alguém te denuncie.” (17.07.2009)
- 63- “Prefiro um amor lento no início para ensaiar a velhice do que um amor rápido para treinar sua morte.” (18.07.2009)
- 64- “Sempre falaremos que o outro foi covarde quando não seguiu o que desejávamos.” (18.07.2009)
- 65- “Invejo quem caminha com as costas erguidas. Com pose de nadador. Nunca cuidei de minha postura. Sempre fui uma cadeira de praia.” (18.07.2009)
- 66- “As lagartixas são tremendamente mentirosas. Não olham nos olhos.” (18.07.2009)
- 67- “Ela não imaginava minha existência, eu sempre duvidei dela. Estávamos quites.” (18.07.2009)
- 68- “A sinceridade não pode ser maior que a educação.” (18.07.2009)
- 69- “As moscas nasceram dos bocejos. Os mosquitos se vingaram e criaram a insônia.” (19.07.2009)
- 70- “A página em branco se apavora muito mais do que o escritor.” (19.07.2009)
- 71- “Não tenho pena de quem enxerga fantasmas, mas dos fantasmas que continuam nos escutando sem conseguir nos interromper.” (19.07.2009)
- 72- “As galochas são as pantufas do banhado.” (20.07.2009)
- 73- “Se você vem sendo chamado de fofo pela namorada, está a um passo do despejo.” (20.07.2009)
- 74- “A difamação pode chegar antes da fama.” (20.07.2009)
- 75- “Quando estou triste, sou irônico. Quando estou alegre, sou sarcástico.” (21.07.2009)
- 76- “Diante de perguntas sobre preferências musicais, quando alguém responde que tem um ‘gosto eclético’ quer dizer que não tem gosto nenhum.” (21.07.2009)
- 77- “Aprendi a dançar Axé chamando garçom.” (21.07.2009)
- 78- “Fui levantar uma caixa de livros, contratura muscular. Pontada violenta nas costas. Ajoelhei no ato. A dor é brega.” (21.07.2009)
- 79- “Percebi que envelheci quando passei a escutar rádio AM no carro.” (21.07.2009)
- 80- “A vaidade é homicida, a modéstia é suicida.” (21.07.2009)
- 81- “O que deveria ser suave é o mais extravagante. O suspiro, por exemplo. O suspiro pede sempre uma pergunta.” (21.07.2009)
- 82- “O amante é um marido ainda mais ciumento. Tem ciúme dele mesmo.” (21.07.2009)

- 83-“Mariana, minha filha, filosofa: o cachorro é redundante. Tem razão. O gato é um eufemismo.” (22.07.2009)
- 84- “Acordar é suavidade. Não suporto despertador. Despertador tinha que ser usado somente depois de morto.” (22.07.2009)
- 85-“Frase de um garçom, agora: ‘De repente sou feliz e não sei.’” (22.07.2009)
- 86- “Homens parem de mijar sentado. De tanto empurrar para baixo, depois ele não levanta.” (22.07.2009)
- 87-“A verdade envergonha bem mais do que a mentira.” (23.07.2009)
- 88- “Sempre que viajo, esqueço algo de propósito para aumentar a vontade de voltar.” (23.07.2009)
- 89-“0º Porto Alegre: O vento faz a barba e só me corta.” (24.07.2009)
- 90- “Caxias do Sul, -4, e ainda não chegou a madrugada. Meu corpo é uma máquina de escrever. A noite me digita com dois dedos.” (24.07.2009)
- 91-“Desertando, abro guerra comigo.” (25.07.2009)
- 92- “O idiota e ganancioso: sempre pode saber menos.” (25.07.2009)
- 93-“A invenção é a confissão que a gente é capaz de suportar.” (25.07.2009)
- 94- “O riso e a imunidade da relação. Com humor, ninguém se separa.” (25.07.2009)
- 95- “Diante de um rio, eu me sinto possível. Diante do mar, acho que não terei tempo.” (25.07.2009)
- 96- “O que adianta ter o controle do vestiário se o técnico não tem o domínio do campo?” (25.07.2009)
- 97-“O passado é feito para o improviso, puxar uma lembrança e encontrar outra. Ao procurar um livro, passamos a ler toda a estante novamente.” (26.07.2009)
- 98- “Verso não é para enganar, é para devolver os enganos. É o estorno do nosso escuro.” (26.07.2009)
- 99-“Seduzir é a arte de aceitar os defeitos.” (26.07.2009)
- 100-“ O esquecimento é uma espécie de imortalidade.” (26.07.2009)
- 101-“Guardar não é conservar. A imaginação conserva a memória. Sem imaginação, a memória apenas guarda.” (26.07.2009)
- 102- “Na infância, meu afeto contido era afeto tolhido. Tão parecidos.” (26.07.2009)
- 103-“Os pais não ensinam a mentir. Ensinam a não dizer a verdade. Melhor seria se tivessem coragem para tomar posição.” (26.07.2009)
- 104- “Eu perdôo as mentiras. O que não desculpo é a distorção.” (26.07.2009)

- 105-“Sofrimento não é passivo. Até para sofrer sou autoritário. Tenho que mandar o corpo sofrer mais.” (26.07.2009)
- 106- “Não conheci mulher que não seja no mínimo duas. Mas já vi muito homem pela metade.” (26.07.2009)
- 107-“É pelos hábitos que casamos. Dispensava o pratinho da xícara de café. Usava a xícara sozinho. Casar é aceitar o que não precisamos.” (27.07.2009)
- 108- “Os namorados disputam quem ama mais. Não percebem que a concorrência secreta vai separando, logo estarão questionando quem é o melhor.” (27.07.2009)
- 109-“Venha doer comigo, não se isole para sofrer, não quero sua vida editada.” (27.07.2009)
- 110- “Não dependo de pacto com diabo para não envelhecer. Sempre que encontro minha tia, ela me chama de pimpolho.” (27.07.2009)
- 111-“Toda mulher insinua que um homem é gay quando está interessada nele.” (27.07.2009)
- 112- “A carência pode tornar qualquer homem interessante. A solidão pode tornar qualquer homem desinteressante.” (27.07.2009)
- 113-“A companhia masculina tem que superar a solidão feminina – e isso já é raro.” (27.07.2009)
- 114- “Nem o amor platônico tem direito de ser preguiçoso. Não requer resposta, mas é necessário formular a pergunta.” (27.07.2009)
- 115-“O ciúme que nasce do verdadeiro amor é totalmente sem motivo. Patético de tão malfeito. O bom ciúme não tem paciência para se inventar.” (27.07.2009)
- 116- “Gosto dos poemas bem curtos que deixam o maior parte da página em branco para nos libertarmos deles.” (27.07.2009)
- 117- “Homem de família é o que acende cigarro com fósforos.” (27.07.2009)
- 118- “As dezenas de guarda-chuvas que perdi são os únicos que poderiam explicar a tempestade de minha vida.” (27.07.2009)
- 119-“Na hora de passar, os magros pedem licença pelo medo de morrer sozinhos.” (27.07.2009)
- 120- “Vó que não tricotou blusão ao neto ainda é mãe da mãe.” (27.07.2009)
- 121-“Rua para ser da infância tem que tossir uma praça antes de terminar.” (27.07.2009)
- 122- “Canalha só é notícia quando morto. Quando vivo é boato.” (28.07.2009)
- 123-“Quando um não concorda é discussão de relacionamento. Quando os dois concordam é declaração de amor.” (28.07.2009)

- 124- “O jornal lido no café da manhã parece um dia atrasado ao mesmo jornal vendido na sinaleira.” (28.07.2009)
- 125- “Quando arranca, o fusca estoura um pneu imaginário.” (28.07.2009)
- 126- “Desabafo de um editor: originais não mereciam esse nome.” (29.07.2009)
- 127- “A lagarta jura que a borboleta é a sua decadência.” (29.07.2009)
- 128- “Na separação, leio somente dicionários. Para me procurar em sinônimos.” (29.07.2009)
- 129- “O amor é perversamente sutil. Amar e gostar de amar podem não acontecer ao mesmo tempo.” (29.07.2009)
- 130- “Identidade é a que a gente mostra para os outros. Caráter é o que a gente guarda para si.” (29.07.2009)
- 131- “Toda janela já foi espelho.” (29.07.2009)
- 132- “Nada pior do que cobrar um amor. Cobrar o que veio de graça.” (29.07.2009)
- 133- “Nunca conseguimos explicar o motivo de estar amando. Sempre explicamos fácil o motivo da separação. Amar deve ser uma sábia ignorância.” (29.07.2009)
- 134- “Quando tenho um doce predileto na geladeira, finjo que não sei para me surpreender com a novidade.” (29.07.2009)
- 135- “Quando criança, disputava superstições. Se acertasse o papel no lixo, seria jogador de futebol. Virei escritor para treinar o tiro na cesta.” (29.07.2009)
- 136- “O homem finge que é romântico, pra provar que é vulnerável. A mulher finge que não é romântica, para parecer vulnerável.” (29.07.2009)
- 137- “Besouro é a fruta dos insetos.” (29.07.2009)
- 138- “O perdão é uma desculpa com juros.” (29.07.2009)
- 139- “O azar é uma sorte desacreditada.” (29.07.2009)
- 140- “Orgulhoso não é o que não deseja pedir desculpa. É o que exige desculpa.” (29.07.2009)

ANEXO B

TWITTES –CARPINEJAR

2014 - 140 tweets - 12.04.2014 a 15.08.2014

- 01-“A felicidade nunca acontece na hora, ela vem depois, misturada com a saudade.” (12.04.2014)
- 02-“Feliz daquele que se deslumbra com a própria rotina.” (17.04.2014)
- 03-“A burrice não conhece o desencanto.” (18.04.2014)
- 04-“O cinismo e a indiferença são armas do ódio. O sarcasmo e a ironia ainda são armas do amor.” (18.04.2014)
- 05-“Quem demora muito a perdoar acaba cansando o ódio.” (18.04.2014)
- 06-“O tapa é o aplauso do ciúme.” (18.04.2014)
- 07-“Sem curiosidade sobre o outro, terminaremos sempre no tédio.” (19.04.2014)
- 08-“O medo de amar é sinal de que você já gosta muito.” (19.04.2014)
- 09-“Dias alegres são involuntários.” (19.04.2014)
- 10-“O problema da felicidade é a ambição.” (20.04.2014)
- 11-“Sempre vamos discutir na relação quando queremos ensinar, e não ouvir.” (21.04.2014)
- 12-“Fofoqueiro não precisa de assunto, basta escutar a conversa dos outros.” (23.04.2014)
- 13-“A brincadeira revela o que tememos mostrar”. (24.04.2014)
- 14-“Não disfarço a emoção – não sou mendigo do que sinto.” (24.04.2014)
- 15-“O amor é o fracasso do conselho do amigo.” (25.04.2014)
- 16-“No amor, não sofremos por aquilo que aconteceu, mas adoecemos pelo futuro, por tudo o que não vai mais acontecer.” (26.04.2014)
- 17-“Posso pensar errado e sentir certo ou pensar certo e sentir errado.” (27.04.2014)
- 18-“Distorcer é uma mentira que usa a verdade.” (29.04.2014)
- 19-“O amor me cura do que ainda nem adoeci.” (29.04.2014)
- 20-“O orgulho é um defeito que age como se fosse virtude.” (30.04.2014)
- 21-“Quando é amor, a gente não somente faz como capricha.” (30.04.2014)
- 22-“Não adianta ser sábio sem paciência.” (30.04.2014)
- 23-“A malícia é o charme da maldade.” (30.04.2014)

- 24-“Quando amo assino uma folha em branco. Quem faz muitas exigência quer se afastar.” (30.04.2014)
- 25-“A alegria de pobre não é ganhar presente, mas achar aquilo que perdeu.” (01.05.2014)
- 26-“Ternura é humildade” (02.05.2014)
- 27-“Quando estou triste, sou irônico. Quando estou alegre, sou sarcástico.” (02.05.2014)
- 28-“Inventar é um modo de atalhar lembranças.” (03.05.2014)
- 29-“No amor, fazer qualquer coisa contra a vontade gera vingança depois.” (03.05.2014)
- 30-“A felicidade de ter vivido sempre será superada pela tristeza da perda.” (03.05.2014)
- 31-“Inteligência emocional é não precisar sofrer para valorizar um amor.” (04.05.2014)
- 32-“Não é que estou sem fôlego, é que está mais interessada em minha respiração.” (04.05.2014)
- 33-“Dividir a preocupação já é resolver.” (07.05.2014)
- 34-“Amar não escolher o momento para amar, é ser todo o momento, mesmo o que não queremos.” (07.05.2014)
- 35-“Não se diminua na relação, senão nunca mais volta ao tamanho natural.” (08.05.2014)
- 36-“É avareza no amor não fazer nem promessas.” (08.05.2014)
- 37-“Esperança é enxergar o invisível. Fé é abraçar o invisível.” (08.05.2014)
- 38-“Gente crítica e pessimista já há no trabalho, o que queremos em casa é incentivo.” (08.05.2014)
- 39-“Toda prepotência é uma grande vergonha de si.” (08.05.2014)
- 40-“Quanto maior a imaginação maior a sensibilidade.” (09.05.2014)
- 41-“Curiosidade é humildade e ambição ao mesmo tempo.” (09.05.2014)
- 42-“Não me maltrate com a esperança.” (10.05.2014)
- 43-“Quem tem amor próprio dispensa o ressentimento.” (11.05.2014)
- 44-“A saudade é melhor do que pedir desculpa: é uma retratação.” (11.05.2014)
- 45-“O ansioso não quer fazer rápido, quer se livrar da tarefa.” (14.05.2014)
- “Quando estou feliz não faço o que gosto, aceito fazer o que não gosto.” (15.05.2014)
- 46-“O ressentimento é morrer socialmente para colocar a culpa no outro.” (15.05.2014)
- 47-“A lágrima não desculpa nada, só o riso perdoa.” (15.05.2014)
- 48-“Todo engano é mútuo, a gente também se enganou ao ser enganado.” (15.05.2014)

- 49-“Quem tem fé não precisa inventar certezas ou sofrer com as dúvidas.” (19.05.2014)
- 50-“Quando longe de ti, sempre estou no lugar errado.” (19.05.2014)
- 51-“Palavra não tem ré.” (20.05.2014)
- 52-“Todo mundo é louco quando jovem. Mas loucura boa é quando não podemos culpar a pouca idade.” (21.05.2014)
- 53-“Quem se esforça muito para ser feliz estraga a felicidade: ela é espontânea.” (22.05.2014)
- 54-“Nem minha alegria é solteira.” (22.05.2014)
- 55-“Nossa liberdade é rock, nossa esperança é samba, nossa paz é jazz, nosso sexo é blues, nossa solidão e MPB, nosso amor é pagode.” (23.05.2014)
- 56-“Implicar com as virtudes, perdoar os defeitos. O amor protege a fraqueza e exige das qualidades.” (23.05.2014)
- 57-“Todo atraso é uma prepotência.” (24.05.2014)
- 58-“O respeito vem antes da educação.” (24.05.2014)
- 59-“A insatisfação é uma miragem do excesso de exigência.” (25.05.2014)
- 60-“O amor é uma descrição iluminada.” (25.05.2014)
- 61-“Só me atraso quando saio com muita antecedência.” (28.05.2014)
- 62-“O celular virou telefone fixo. Passa a maior parte do seu tempo carregando.” (29.05.2014)
- 63-“Excesso de educação gera suspense à toa.” (29.05.2014)
- 64-“O remorso é uma raiva fria.” (08.06.2014)
- 65-“Sempre duvido de minhas crenças para fortalecê-las.” (09.06.2014)
- 66-“A fé vem cuidar do amor quando a felicidade cansa.” (09.06.2014)
- 67-“Julgar é dominar, compreender é libertar.” (09.06.2014)
- 68-“Há sempre aquele disposto a se separar – reclamando o que não recebeu – e um outro amando pelos dois – valorizando o que tem sido feito.” (10.06.2014)
- 69-“Uma vida a dois é uma vida pelos dois, não é uma vida de um dos dois.” (10.06.2014)
- 70-“Não ressuscite o que já foi perdoado só pra ter razão.” (11.06.2014)
- 71-“Nada é mais estável do que o amor entre o generoso e o egoísta.” (12.06.2014)
- 72-“A recordação é a pele da memória. A saudade é o perfume.” (12.06.2014)
- 73-“Quem vive se elogiando é somente carente. O megalomaniaco fica esperando receber elogio dos outros.” (13.06.2014)
- 74-“Sofrer em silêncio já é desistir.” (14.06.2014)

- 75-“É preciso se separar para amar. Romper consigo mesmo.” (15.06.2014)
- 76-“Fazer o outro sofrer não vai diminuir seu sofrimento.” (15.06.2014)
- 77-“Toda vingança é vulgar.” (21.06.2014)
- 78-“Não me deixe sozinho com a esperança.” (22.06.2014)
- 79-“Não quero sinceridade que machuca, mas amor que cicatriza.” (01.07.2014)
- 80-“O amor é a arte do desencontro por dentro.” (03.07.2014)
- 81-“A explicação é uma desculpa que não aconteceu.” (03.07.2014)
- 82-“Toda declaração de amor soa como cobrança para quem realmente está devendo.” (05.07.2014)
- 83-“Quanto maior o amor, maior o medo de não ser amado; e não há o que fazer. A felicidade cria a carência que cria a ansiedade.” (06.07.2014)
- 84-“Desespero é quando não tem ninguém ao seu lado, nem você mesmo.” (07.07.2014)
- 85-“O desaforo vicia. É dizer o primeiro que já somos tomados de entusiasmo para não parar mais.” (10.07.2014)
- 86-“Quem não perdoa só tem passado.” (11.07.2014)
- 87-“Pressa de ouvir já é abraço. Pressa de falar já é beijo.” (11.07.2014)
- 88-“O azar é também construído.” (13.07.2014)
- 89-“O amor só é uma comédia para quem aceita o drama.” (14.07.2014)
- 90-“A idealização só dá o dobro do trabalho de inventar e se desfazer da fantasia.” (16.07.2014)
- 91-“Está infeliz quando passa a invejar a vida dos outros. Está deprimido quando passa a invejar o que foi um dia sua vida.” (21.07.2014)
- 92-“O otimismo exagerado é pior do que o pessimismo.” (22.07.2014)
- 93-“Poderia ter um amor tranquilo, mas daí não seria eu.” (22.07.2014)
- 94-“Quando amamos esquecemos rapidamente. Quando nos separamos esquecemos lentamente.” (23.07.2014)
- 95-“Sempre que me comporto, eu me desobedeço.” (23.07.2014)
- 96-“Conhecer ainda não é amar, amar é respeitar o que se conhece.” (24.07.2014)
- 97-“Amor tem que ser demonstrado, não há como ser adivinhado.” (25.07.2014)
- 98-“Orgulho ferido é sinônimo de avareza.” (25.07.2014)
- 99-“Só é irritante quem tem temperamento forte. Os fracos aceitam tudo.” (26.07.2014)
- 100-“Saudade é curiosidade de viver.” (28.07.2014)
- 101-“Tem gente que gosta tanto de sofrer que se arrepende daquilo que foi bom.” (28.07.2014)

- 102-“Amo de olhos fechados para enxergar com as palavras.” (28.07.2014)
- 103-“Não há maior cumplicidade do que da loucura.” (28.07.2014)
- 104-“O abismo é melhor do que o marasmo. Pelo menos dá vertigem.” (28.07.2014)
- 105-“Se você odeia com violência algo que foi dito a seu respeito – e não consegue refletir- é que tem grandes chances de ser verdade.” (29.07.2014)
- 106-“O amor abre a porta, o orgulho sempre fecha.” (29.07.2014)
- 107-“Quando o amor é maior do que sua vida, ele vai tomando seu passado para usar como futuro.” (29.07.2014)
- 108-“Na pressa, só o desespero é fiador.” (29.07.2014)
- 109-“Todo mundo é infantil diante da verdadeira dor.” (29.07.2014)
- 110-“A alegria dá preguiça. Já o sofrimento gera indolência.” (30.07.2014)
- 111-“Na tristeza de amor, até o oi deve ser ensaiado para não doer.” (30.07.2014)
- 112-“Não tenho medo de sofrer por amor, mas não ter nem amor para sofrer.” (30.07.2014)
- 113-“Roubar isqueiros e canetas bic não podem contabilizar como desonestidade, é obrigação poética levar adiante o fogo e a palavra.” (30.07.2014)
- 114-“Homem só faz surpresa quando está devendo.” (30.07.2014)
- 115-“A gentileza é o amor em movimento.” (31.07.2014)
- 116-“Orgulho é quando estamos errados. Dignidade é quando estamos certos.” (31.07.2014)
- 117-“Só a esperança cura a mágoa.” (02.08.2014)
- 118-“Quem é feliz com pouco multiplica sua felicidade.” (02.08.2014)
- 119-“Não sei o que mais dói no amor: a falta de comunicação ou a comunicação fracassada.” (03.08.2014)
- 120-“Acreditar é o único jeito de amar. Para o bem e para o mal. Porque é a confiança que gera a lealdade.” (03.08.2014)
- 121-“Para admirar alguém, é preciso estar muito bem resolvido, senão vira inveja.” (05.08.2014)
- 122-“Nem dormindo fico quieto” (05.08.2014)
- 123-“Espio as panelas pelo olfato” (06.08.2014)
- 124-“O ressentimento é contagioso” (07.08.2014)
- 125-“Insistir com a vida não é fé. É generosidade.” (07.08.2014)
- 126-“Quem não tem palavra não tem coração.” (07.08.2014)
- 127-“Não falar a verdade é mentir premeditado.” (07.08.2014)

- 128-“Só o idiota tem coragem no amor. Prefiro ser idiota do que covarde.”
(08.08.2014)
- 129-“Culpa é responder o que não foi perguntado.” (08.08.2014)
- 130-“Humildade não pode ser medo.” (08.08.2014)
- 131-“O sofrimento é a idealização de que os outros estão melhores do que você.”
(09.08.2014)
- 132-“A impaciência já é agressividade.” (09.08.2014)
- 133-“O amigo é o rascunho perfeito das cartas de amor. Tudo o que não deve ser
escrito é dito para ele para ficarmos somente com a doçura.” (10.08.2014)
- 134-“A omissão é o silêncio da mentira. A confiança é o silêncio da verdade.”
(10.08.2014)
- 135-“Retirar o que disse ou se desculpar são 2 pedidos diferentes. Se retiro, não
preciso mais me desculpar. Se me desculpo, assumo que errei.” (12.08.2014)
- 136-“A dor consome todo tempo, principalmente o tempo que você poderia encontrar
uma nova alegria.” (14.08.2014)
- 137-“Amar não é agradar, é ser importante mesmo na oposição.” (14.08.2014)
- 138-“Sentir cócegas é anticlímax da transa.” (14.08.2014)
- 139-“Para que descobrir se posso inventar?” (15.08.2014)
- 140-“A sinceridade não melhora o passado.” (15.08.2014)